

**“Alguém nos prometeu alguma coisa?  
Então, por que esperamos?”**

Exercícios dos universitários  
de Comunhão e Libertação

RÍMINI, DEZEMBRO DE 2012

Introdução – **Julián Carrón**

*7 de dezembro, noite*

“Espera” é palavra que define cada um de nós. E é essa espera que nos trouxe aqui, do contrário não teríamos vindo. Mas, ao mesmo tempo, sabemos que muitas preocupações se colocam como obstáculo a ela (*a espera*). Mil distrações procuram nos afastar dessa espera que forma cada um de nós, querem nos afastar de nós mesmos, da verdade mais profunda de nós.

Por isso, conscientes da nossa fraqueza, da nossa fragilidade, pedimos ao Espírito que nos faça ser nós mesmos, isto é, aquilo que verdadeiramente somos: espera ilimitada de realização.

*Ó Vinde, Espírito  
Ballata dell'uomo vecchio<sup>1</sup>*

Saúdo cada um de vocês que vieram da Argentina, Áustria, Bélgica, Rússia, Eslovênia, Espanha, Suíça, Uganda, além da Itália, com esse grito, como acabamos de cantar, porque quanto mais passa o tempo, mais a vida avança, e mais nos damos conta do quanto somos necessitados, do quanto a nossa espera é ilimitada.

É por isso que o título que escolhemos para os Exercícios deste ano não deixou ninguém indiferente. Cada um de nós se sentiu provocado, pois ele toca num nervo descoberto de todos nós, como diz esta nossa amiga: “Quando soube do título dos Exercícios, fiquei um pouco atemorizada, porque ele, de fato, não é banal: *Alguém nos prometeu alguma coisa? Então, por que esperamos?* Para mim, a pergunta não é só essa, mas implicitamente compreende também outra: eu espero alguma coisa? Sim ou não? Na vida cheia de coisas a fazer devo encontrar o tempo para esperar ou vivo esperando? Porque existe um abismo entre essas duas possibilidades. De fato, se eu só procuro quando estou livre do resto, quer dizer que não amo, porque quando a gente se apaixona, a presença do rosto amado permeia tudo o que a gente faz. Se vivo esperando, a porta do meu coração permanece entreaberta à possibilidade de que a Presença que espero entre em qualquer circunstância, inclusive a que estou vivendo agora. A luta entre essas duas posições é contínua em mim, todos os dias”.

1. Isto define o nosso ser, e os gênios poéticos captaram e expressaram isso de uma forma excepcional. “Fechado entre coisas mortais / (Até o céu estrelado acabará) / Por que anseio por Deus?<sup>2</sup>”, diz Ungaretti. “Por que anseio?”. Não lhes distraia agora a palavra “Deus”: por que almejar tanto? Por que esse grito, essa urgência, é tão forte? Anseio. Ansiar é desejar algo intensamente, apaixonadamente, quase que de um modo irresistível. O que admira é que nós, embora fechados entre coisas mortais, entre coisas efêmeras, tenhamos um desejo tão forte, tão ilimitado. E nos damos conta disso especialmente em certas circunstâncias.

---

<sup>1</sup> C. Chiuffo, “Ballata dell'uomo vecchio”, in *Canti*, Cooperativa Editoriale Nuovo Mondo, Milão 2007, p. 216.

<sup>2</sup> G. Ungaretti, “Dannazione”, in *Vita di un uomo. Tutte le poesie*, Mondadori, Milão 1992, p. 35.

“Ao responder à provocação do título dos Exercícios, não posso prescindir daquilo que tomou conta da minha vida nos últimos dias: a morte do pai de Stefano, um nosso amigo de Turim. Foi o primeiro de uma série de fatos excepcionais frente aos quais foi surpreendentemente fácil reconhecer a presença de um Outro: no testemunho da esposa, dos filhos, no florescer contínuo das relações, na unidade entre nós. E me dei conta de como a hegemonia cultural, o poder do qual com frequência você nos fala, influencia a consciência do nosso coração, porque nestes dias redescobri do que estruturalmente é feito o meu coração. O meu coração é espera. Essas circunstâncias reabriram a ferida que constitui a natureza mesma do coração, aos poucos reabriram em todos nós a exigência de significado, felicidade e verdade, de que fala *O senso religioso*. A experiência dos últimos dias me mostrou com clareza que se o meu desejo é tão grande, é porque existe uma Presença igualmente grande que responde, e esse desejo é que começou a me mover e ser tornou uma exigência”.

De fato, não estamos em condições de responder, nós mesmos, a todo esse desejo, a toda essa espera. Mas é como se muitas vezes essa espera estivesse sepultada, e então precisa acontecer alguma coisa para despertá-la com toda a sua força, como acabamos de ver. Ou como me contavam há pouco, no jantar: a morte repentina da mãe de uma nossa amiga, que por isso não pôde vir aos Exercícios, determinou uma seriedade com a vida, no modo de estarmos juntos, no modo de enfrentar as coisas, que nos tornou mais autenticamente nós mesmos. Isso indica que a espera de que falamos não é pacífica, é uma espera contrariada de diversas maneiras.

2. Rilke identificou bem essa tentativa de se opor à espera, que invade o clima em que vivemos e os nossos dias. “E tudo conspira para nos calar, como se cala uma vergonha, talvez um pouco como se cala uma esperança infável<sup>3</sup>”. São colocados obstáculos à espera, tudo conspira para fazê-la calar, inclusive entre nós, na banalidade dos dias, na distração cotidiana; é como se essa conspiração nos atingisse de muitos modos, em muitos momentos. Quem de nós pode eximir-se desse reconhecimento doloroso e real?

Um de vocês escreve: “O exemplo que trago é de hoje. Fui embora da universidade porque sinto um mal-estar como não me acontecia desde quando estava no primeiro ano; não estou nada contente; ou melhor, estou especialmente abatido. Percebo que desde que acordei hoje cedo fiz exatamente o que tinha em mente, cumpri todos os meus programas para o dia, estudei coisas que agradavam, fui às aulas que me interessavam, mas permanece dentro de mim uma sensação de vazio. Uma certeza sobre o dia de hoje é que não estou nada contente, nem quero ir dormir, no geral o dia terminou e não aconteceu nada. É evidente que Aquilo que me preenche não sou eu que faço, não o conheço, e enquanto isso não acontecer, nada acontece. A verdade é que espero alguma coisa”.

Espero, mesmo estando desanimado. Como diz um outro amigo, que descreve essa luta, que pode ser a luta de cada um de nós: “Passei o primeiro ano de universidade dizendo *não* a tudo o que era proposto pelo Movimento e, em geral, pela realidade. Por trás desse *não* havia uma série de preconceitos, que nasciam sobretudo da comparação com a comunidade e a experiência que eu havia feito anteriormente no Movimento. Eu me alimentava, pois, dessas lamentações, criando justificativas superficialmente razoáveis que me permitiam sobreviver e ficar protegido das mil provocações que chegavam até mim. Esse *não* repetido e incessante havia reduzido de modo substancial as perguntas que eu tinha sobre a vida, as minhas exigências, o meu desejo. Da realidade eu não esperava mais nada. Tendo já vivido muitos anos no seio do Movimento, eu tinha desenvolvido uma posição burguesa em relação ao Movimento e à vida, porque eu já sabia tudo, não tinha necessidade de pedir mais nada. Eu havia reduzido até a experiência do Movimento a uma ‘questão intelectual’, a uma ‘ideia sobre a vida e sobre Deus’, tinha eliminado a hipótese de que aquele fosse um lugar para mim, que havia sido dado para o meu amadurecimento; aliás, a comunidade tinha se tornado um lugar contra mim. Iniciei, então, o segundo ano cheio de perplexidades e de preocupações, estava desorientado, não sabia por que ainda estava ali, por qual

---

<sup>3</sup> R.M. Rilke, “Seconda Elegia”, vv. 42-44, in *Elegie duinesi*, Einaudi, Turim 1968, p. 13.

absurdo motivo não tinha abandonado tudo. E depois aconteceu o que eu jamais podia esperar. Uma noite, tomando uma cerveja com um amigo, decidi falar de todas as minhas perturbações e as minhas dúvidas sobre a comunidade, não para reclamar, como se a responsabilidade pela minha insatisfação fosse dele, mas para procurar entender o motivo pelo qual, da experiência totalizante que eu havia feito antes de entrar na universidade, agora eu me sentia tão distante, quase que em desacordo com tudo. Às suas perguntas diretas e não criticáveis eu respondia com justificativas e desculpas para não precisar responder, ignorando o problema, pensando que talvez ele não tivesse entendido bem o que eu queria dizer, que ele não me conhecia direito para poder entender qual era o meu problema. No entanto, ele tinha entendido tudo muito bem. Tenho gravada na mente uma das perguntas que ele continuava a me repetir, e que eu procurava de todo modo não responder: ‘Mas o que você está procurando?’. Eu não respondia porque do alto do meu orgulho e da minha soberba eu não pensava que, depois de uma vida passada no Movimento, não era a essas perguntas básicas, que julgava já superadas, que era importante responder. Quanto mais eu achava que ele não tinha entendido quais eram, na verdade, os meus problemas, mais eu deslocava a questão, deixava-a de lado, respondia a outras coisas, porque ‘o que você está procurando’ era uma coisa muito irritante, muito incômoda. Ele nada mais fazia do que colocar a verdade diante dos meus olhos, nada mais que isso, e a insistência com que ele o fazia me deixava nervoso, pois me colocava diante de uma dificuldade: entender o que estou procurando e quais são os instrumentos para procurá-lo de modo claro. Foi um momento em que tive de ceder, eu não conseguia mais deter o ímpeto da verdade, era forte demais”.

Entre essas duas posições, aquela lembrada por Ungaretti (“*Por que anseio?*”) e aquela descrita por Rilke (“*Tudo conspira*”), quem tem razão? Espera ou conspiração? É uma alternativa que temos que enfrentar: de um lado, esse algo que ansiamos, que surpreendemos dentro de nós almejando tão intensamente; do outro, essa conspiração que encontramos à nossa volta e dentro de nós, da qual nós também somos cúmplices. Quem tem razão? Não é um problema de alinhamento, não é um problema de sentimento, não é uma questão de opinião, é um problema de verdade: quem tem razão?

3. Eis, então, o terceiro ponto em que se insere o tema dos nossos Exercícios: “Como é grande o pensamento de que realmente *nada é devido a nós*. Alguém nos prometeu alguma coisa? E, então, por que esperamos?<sup>4</sup>”. Por que é mais verdadeira a espera do que a conspiração contra ela? Por que é mais verdadeira? Porque nada, como vimos, pode eliminá-la, ainda que esteja sepultada sob mil distrações, sob mil preconceitos, sob mil objeções. Por que continuamos a esperar? Essa frase de Pavese nós a carregaremos conosco até o túmulo: “E, então, por que esperamos?”. Cada um diga se pode opor alguma coisa a essa pergunta.

O grande gesto de amizade que um homem pode fazer por outro homem é colocar-lhe uma pergunta verdadeira: “Alguém lhe prometeu alguma coisa? Então, por que você espera?”. Na espera fica documentada a estrutura da nossa natureza, a essência da nossa alma. Nós esperamos porque a promessa está na origem, é a origem da nossa criação, da maneira como fomos feitos. Quem fez o homem o fez como promessa. E isso nós o sabemos justamente porque esperamos.

“*Estruturalmente* – nos lembra Dom Giussani – o homem espera; estruturalmente ele é mendicante: estruturalmente a vida é promessa<sup>5</sup>”. Podemos dizer ou fazer tudo o que quisermos – tentar nos distrair segundo todas as modalidades que conhecemos, ser coniventes com toda a conspiração que existe hoje à nossa volta, cada um pode acrescentar tudo o que sabe ou todas as estratégias que usa para fugir de encará-la, e mesmo estando juntos podemos não ter a coragem de encará-la –, mas não podemos arrancar de nós essa espera, porque ela faz parte da estrutura da nossa natureza, não fomos nós que decidimos tê-la, nem podemos decidir suprimi-la, não depende de nós, não podemos fazer nada. Podemos, isto sim, decidir satisfazê-la ou contrariá-la, amá-la ou odiá-la, e essa é a alternativa que se põe diante de cada um de nós todos os dias.

---

<sup>4</sup> Cf. C. Pavese, *O ofício de viver*. Trad. Homero Freitas de Andrade. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1988.

<sup>5</sup> L. Giussani, *O senso religioso*, E. Universa, Brasília 2010, p. 85.

Eu anseio porque a substância do eu é a espera, e se a estrutura original do homem é esperar, a coisa mais terrível que posso realizar contra essa natureza que eu sou é não esperar nada. Escreve Pavese: “Esperar é ainda uma ocupação. Não esperar nada é que é terrível<sup>6</sup>”. É dramático esperar, mas não esperar nada é trágico. De fato, a alternativa à espera é o tédio. Bem o diz Blanchot: “A putrefação da espera [é] o tédio<sup>7</sup>”. Mas essa espera é tão resistente que, como escreve Marcel Proust, “saber que não há mais nada a esperar não impede que se continue a esperar<sup>8</sup>”; ela é estruturalmente uma coisa só conosco, define-se de tal forma em todas as fibras do nosso ser que não podemos não esperar. Como diz ainda Rilke: “Sempre distraído pela espera, / como se tudo te anunciasse a amada”. Alguém se surpreende “distraído” pela espera. Como quando a pessoa se apaixonou: “Em que coisa você está pensando?”. “No que você acha que está pensando?”. “Distraído ainda pela espera, / como se tudo te anunciasse a amada<sup>9</sup>”.

Dos literatos aos cantores, o tema é sempre o mesmo, como vimos na nossa exposição sobre o rock’n roll, do Meeting deste ano; por exemplo neste verso do grupo inglês Coldplay: “Não sei para onde estou indo, não sei por qual estrada cheguei, segure minha cabeça entre tuas mãos, preciso de alguém que entenda, preciso de alguém, alguém que escute. Durante todos esses anos eu te esperei, te esperarei até a vinda do reino, até que o meu dia, o meu dia, chegue. E dize que chegarás e me libertarás. Dize apenas que esperarás, que me esperarás<sup>10</sup>”. Predomina a espera, como dissemos no canto inicial.

Essa espera é testemunhada pelas mais diversas pessoas, que nos ajudam de um modo ou de outro a sentir alguma coisa que toca a fibra do nosso ser, que nos define. Ouçamos esta poesia de Rebora: “Da imagem tensa / Vigio o instante / Com iminência da espera”. O instante. Mas o que é o instante? Basta que paremos um minuto para nos darmos conta do quanto essa espera define o nosso instante. “E não espero ninguém: / Na sombra acesa / Espio o campanário / Que imperceptível expande / um pólen de som – / E não espero ninguém: / Entre quatro paredes / Horrorizadas de espaço / Mais que um deserto / Não espero ninguém [não espero nada de concreto, porque nada me basta]: / Mas deve vir: / Virá, se resisto / A florir não visto, / Virá de improviso, / Quando menos o espere: / Virá quase perdão / De quanto faz morrer, / Virá a dar-me a certeza / Do seu e do meu tesouro, / Virá como frescos / Das minhas e das suas penas, / Virá, talvez já vem / o seu sussurro<sup>11</sup>”. Virá.

A fim de estarmos prontos para essa chegada, nestes dias começamos implorando a espera. Peça-mos esta espera, peça-mos para reconhecer esta espera, para sermos nós mesmos, para coincidir conosco, para nos tornar disponíveis, ajudando-nos com as palavras que acabamos de cantar: “Ouve-me, permanece ainda aqui, repete ainda para mim a tua palavra. Repete-me aquela palavra que um dia disseste para mim e que me libertou<sup>12</sup>”. Podemos estar certos de que virá porque, como diz o Papa: “Deus [...] não se cansa de nos procurar, é fiel ao homem que criou e salvou, permanece próximo da nossa vida, porque nos ama. Esta é uma certeza que nos deve acompanhar todos os dias<sup>13</sup>”.

Como diz esta nossa amiga: “A primeira vez que ouvi o título destes Exercícios fiquei quase sem palavras. Fiquei quase com medo, tanto ela impressionou o meu coração. Fingi que nada acontecia, contentando-me em me inscrever para estes Exercícios, certa de que as tuas palavras de algum modo me iluminariam. Mas cada vez que voltava a ouvir o título, meu coração se sobressaltava, e entendi o porquê: frente à pergunta de Pavese não posso e não quero fingir que nada aconteceu, eu preciso responder: mas eu, por que espero? A radicalidade dessa pergunta foi a mesma radicalidade que caracterizou os meus últimos meses. Há alguns meses, me vi encostada contra a parede, sozinha

<sup>6</sup> C. Pavese, *O ofício de viver*, op.cit.

<sup>7</sup> M. Blanchot, *L’attesa, l’oblio*, Guanda, Milão 1978, p. 53.

<sup>8</sup> M. Proust, *Alla ricerca del tempo perduto*, vol. II, *All’ombra delle fanciulle in fiore*, Bur, Milão 2006, p.272.

<sup>9</sup> R.M. Rilke, “Prima Elegia”, vv. 31-32, in *Elegie duinesi*, op. cit., p. 5.

<sup>10</sup> Coldplay, “Til Kingdom Come”, do CD *X&Y*, Capitol Records, (2005).

<sup>11</sup> C. Rebora, “Dall’immagine tesa”, in *Le poesie*, Garzanti, Milão 1988, p. 151.

<sup>12</sup> C. Chieffo, “Ballata dell’uomo vecchio”, in *Canti*, op. cit., p.216.

<sup>13</sup> Bento XVI, *Audiência geral*, 14 de novembro de 2012.

com os meus medos e meus contínuos fracassos. Eu não sabia gostar de mim, não me interessava o que estava estudando, fazia esforço para estar na universidade, não sabia amar o meu namorado e os meus amigos. Além de tudo, ficava completamente esmagada pela ansiedade. A certa altura, porém, um amigo começou a me olhar de um modo diferente, gostava de mim tal como eu era e, ao mesmo tempo, me desafiava, com uma liberdade, uma paixão pelo meu destino nunca vista antes. Eu era amada. Foi esse olhar que lentamente começou a me mudar. Antes, todas as razões para crer que a minha vida tinha sentido, que Deus me havia criado e me fazia o bem, eram razões jogadas no ar e quanto mais as repetia, mais se tornavam velhas, rançosas; mas quando esse meu amigo começou a me olhar daquele modo tão verdadeiro, tudo mudou, porque as razões não eram mais um pensamento, tinham se tornado carne, não podia mais pensar em prescindir daquele olhar, não podia mais estudar sem ao menos desejar ter essa mesma paixão, não podia mais olhar o meu namorado sem desejar amá-lo tal como ele é, porque existe, e aquela cruz tão pesada se tornou a minha melhor arma. Eu mentiria se te dissesse que preferiria ser diferente, tranquila, como parece que todo mundo é, mas não minto se te digo que hoje posso afirmar com certeza que Deus não me fez errada. Todo o trabalho, todos os passos desses meses eu pude dá-los porque comecei a me olhar por inteira. [Essa é a questão: nos olharmos por inteiro]. A minha conversão quotidiana é todos os dias entrar em cada coisa partindo daquilo que eu sou, inteirinha. Já não posso mais me permitir olhar as coisas e enfrentar as jornadas sem partir de mim mesma. Eu sou o primeiro lugar onde o Mistério acontece e só porque o Mistério acontece é que eu posso me olhar assim. A vida se tornou um verdadeiro drama porque descobri até que ponto preciso que o Mistério aconteça desvelando a verdade, desvelando-me a mim mesma. Só disso é que eu preciso, e só isso me salva. O Mistério que acontece é a razão da minha esperança, e nada mais”.

Peçamos que esse Mistério aconteça nestes dias.

Uma de vocês escreve: “O título dos Exercícios deste ano me desafiou muito. Eu corria o risco de considerar como óbvia a minha adesão a esse gesto; aliás, eu já estava questionando se viria, quebrando a rotina de que é feita a minha vida, pois precisava faltar a uma lição obrigatória para vir. Mas tão logo ouvi qual seria o título, não tive mais dúvida: para onde vou e para que serve o que eu faço se não existe um horizonte? Corro o risco – como me acontece com frequência – de fazer tudo e nada. A beleza desse título me foi reconfirmada por uma assembleia em que foi dito que a frase de Pavese tinha tudo a ver com a afeição a si, e essa coisa eu gostaria muito de entender”.

Para que serve o que faço se não tenho um horizonte? O que isso tem a ver com o amor a si próprio? Esse é o primeiro ponto: a afeição a si.

### **1. A afeição a si**

A afeição a si – diz Dom Giussani – “é um vínculo cheio de estima e de compaixão, de piedade, consigo mesmo [...]. É como ter em relação a si mesmo um pouco daquele vínculo que a sua mãe tinha com você, especialmente quando você era pequeno”. Imaginemos a ternura com que uma mãe carrega o seu filho recém-nascido, tão comovida com a existência daquela criança, consciente de todo o desejo de felicidade que se desenvolverá nele, pelo grande destino a que é chamado. Se não houver em nós um pouco dessa ternura, dessa afeição por nós mesmos – continua Dom Giussani –, “é como se faltasse o terreno sobre o qual se irá construir<sup>14</sup>”.

Nós sabemos que ter essa afeição por si não é uma coisa imediata; tanto é verdade que em geral, em vez de afetuosa, somos violentos, duros, ferozes em relação a nós mesmos; em vez da afeição prevalece a recriminação, a lamentação. A ternura para consigo mesmo não é nada óbvia. Basta que cada um pense quando foi que olhou para si mesmo com um pouco dessa ternura nos últimos tempos e em quantas vezes, ao invés, olhou para si mesmo com dureza, com fúria, com essa falta de piedade que transforma em algo quase insuportável observar-se a si próprio.

Para nos ajudar a descobrir como nasce essa ternura, Dom Giussani nos convida a prestar atenção no fenômeno da nossa evolução, surpreendendo em ato como isso acontece: “Na história psicológica de uma pessoa, a fonte da capacidade afetiva é uma pessoa tão reconhecida que é recebida e acolhida<sup>15</sup>”. A sua afetividade se realiza acolhendo e reconhecendo a pessoa que tem diante de si. Pensemos numa criança: a fonte afetiva, o que faz surgir nela toda a sua afeição, é a presença da mãe. A sua capacidade afetiva emerge respondendo ao sorriso da mãe, ao zelo, ao amor e à presença da mãe. É tão decisiva para a criança essa presença que, se faltar, a fonte afetiva permanecerá árida, pois não é algo que a criança possa dar a si mesma; ela não pode dar-se essa capacidade de afeição; por isso, a criança não se apega propriamente a si mesma, mas à mãe. Toda a sua afetividade se desenvolve a partir dessa presença boa, positiva. Para nos levar a entender as coisas, o Mistério não as explica – a mãe não dá à criança uma aula sobre a afeição a si –, mas as faz acontecer. A criança, por isso, primeiramente vive a afeição, sente a afeição da mãe, se apega à mãe, e depois, devagarzinho, através disso, começa a se apegar a si mesma, a atuar a sua capacidade afetiva.

Dom Giussani nos recorda que, a certa altura – por experiência, todos o sabemos muito bem –, “esse sinal natural” que é a mãe “não basta mais<sup>16</sup>”, e não porque a mãe mudou de atitude em relação a nós, ou porque não exista mais. É tudo como antes, mas, a partir de certo ponto, a sua presença não basta mais. Por quê? Porque cada um de nós cresceu, evoluiu, como se o nosso ser tivesse se dilatado, começa a emergir o nosso rosto, toda a força do nosso destino, toda a grandeza do nosso desejo, e essa presença se revela pequena em relação a tudo o que desejamos, fica evidente que não nos basta mais. Como tomamos consciência disso? De novo, não é porque alguém nos deu

<sup>14</sup> L.Giussani, *Uomini senza patria (1982-1983)*, Bur, Milão 2008, p. 291.

<sup>15</sup> L.Giussani, “É chegado o tempo da pessoa”, por L. Cioni, *Litterae Communione CL*, n. 1, 1977, p. 12.

<sup>16</sup> *Idem*.

uma explicação. Alguém se dá conta porque – como diz Dom Giussani – “se irrita”, começa a sentir uma ausência de afeição, como se aquela afeição que até certo ponto bastava não bastasse mais; e, então, a pessoa se sente confusa, desorientada, desarmonizada<sup>17</sup>. Antes era tão decisiva aquela afeição, até o momento no qual a falta de uma comparável afeição pelas suas necessidades de agora, deixa o jovem desorientado, e então ele diz a si mesmo: mas se todos os fatores são os mesmos, se a mãe e o pai ainda estão presentes e não mudaram de atitude em relação a mim, por que me sinto desorientado, confuso, e nada mais está bom para mim?

Se nós não entendemos o que está acontecendo, prevalece a confusão, a desorientação, e nessa confusão começamos a grande corrida para procurar preencher esse vazio de qualquer modo, precisamos corrigir o problema, como me dizia uma estudante: “Ultimamente está acontecendo que percebo como que uma desproporção em relação a todas as coisas que faço. Toda vez que faço alguma coisa que talvez me agrade (como sair à noite com os amigos ou jogar vôlei) sinto que, no fundo, não me satisfaz, não me basta, e assim mergulho num turbilhão de coisas a fazer, que só fazem aumentar esse grito, e gostaria de pedir uma ajuda para julgar essa coisa, para enfrentá-la”. Se nós não entendemos o que está acontecendo a certa altura da vida, nessa evolução, pensamos correr atrás da solução entrando no turbilhão de coisas a fazer, e aí o que acontece? Em vez de resolver o problema, nós o agravamos; e como o que fazemos nos parece sempre insuficiente, então fazemos mais, até chegar ao esgotamento; o único resultado é que isso, ao invés de resolver, só faz aumentar o grito, o senso de vazio. Aquela moça se deu conta de que se jogar no turbilhão das coisas a serem feitas não responde a nada: é preciso compreender o que se manifestou a certa altura da nossa vida, tomar verdadeiramente consciência de nós, entender até o fundo o que está acontecendo. Do contrário, não resolvemos o problema, simplesmente vamos reproduzi-lo de outras maneiras. Por isso dissemos que se trata de tomar consciência de si. É um problema de autoconsciência.

O que é essa autoconsciência? A autoconsciência é “uma percepção clara e amorosa de si mesmo, carregada de consciência do próprio destino e, portanto, capaz de verdadeira afeição por si próprio<sup>18</sup>”. Só quando percebemos de quem somos é que podemos ter uma verdadeira afeição por nós mesmos. Portanto, o que aconteceu? A um certo momento do nosso desenvolvimento, emergiu a estrutura última do nosso eu. O desejo e a espera – de que somos feitos – se tornaram conscientes em toda a sua dimensão. Por que aquela jovem se dá conta de que nada mais lhe basta? Porque se dilatou nela, de um modo definitivo, toda a espera do coração, toda a capacidade de realização com que fomos criados, se tornou evidente a grandeza do nosso destino. E, então, a pessoa entende que é “chegado o momento do Outro [com O maiúsculo], verdadeiro, permanente, pelo qual somos constituídos, da presença inexorável e sem rosto, infável<sup>19</sup>”. Se não percebemos isso, terminamos por substituir os pais por outra coisa, por não ter compreendido que naquela evolução se tornou evidente quem eu sou, que eu fui feito para esse Outro. Se isso não acontece, não superamos a adolescência, não damos o passo para o reconhecimento do Outro, infável, um Outro que não conheço ainda, sem rosto, cujos traços não sei identificar, mas em direção ao qual sou constantemente lançado, para quem tende todo o meu ser. Sem esse passo, a adolescência parece que nunca termina.

Dom Giussani é nosso amigo porque nos ajuda a ler, entender e julgar isso: “A juventude é o tempo do Tu [com T maiúsculo] no qual o coração mergulha [...] como num abismo, é o tempo de Deus<sup>20</sup>”. Sem reconhecer o Tu, esse Outro por quem a vida foi feita, é impossível ter amor por si mesmo, afeição a si; acabamos nos enrolando, nos irritamos e nos confundimos cada vez mais. Na juventude, a vibração de todo o nosso desejo deveria nos levar a entender que dentro da nossa vida urge um Mistério, que somos feitos para um destino grande, misterioso: “Você se percebe com uma dinâmica, com um impulso irreversível para um horizonte ilimitado que não consegue jamais alcançar definitivamente, mas é um ideal de felicidade, de verdade, de justiça, de beleza, de

---

<sup>17</sup> Cf. *Idem*.

<sup>18</sup> *Idem*.

<sup>19</sup> *Idem*.

<sup>20</sup> *Idem*.

bondade, cujas margens não se conseguem tocar, um poderoso dinamismo que não me dá tregua e me empurra para uma meta desconhecida, para uma margem que está mais além de tudo o que vejo, que está mais além de tudo o que toco, mais além de tudo o que faço<sup>21</sup>”. Se nós não tivermos consciência disso, não entenderemos nós mesmos e não compreenderemos por que nada nos satisfaz, por que se jogar num turbilhão de coisas a fazer não responde: crescendo, o nosso eu se revela segundo toda a sua natureza, descobre-se maior, emerge aquilo de que somos feitos.

Podemos resumir essa experiência – o tornar-se evidente aos nossos olhos, num certo momento da nossa vida, aquilo de que somos feitos – com uma frase de Jesus que capta a raiz do que está acontecendo em nós: “...que adianta ao homem ganhar o mundo inteiro e depois perder a si mesmo?<sup>22</sup>”. É a pergunta que todo homem, de qualquer latitude da Terra e época da história, deve se fazer, porque descreve melhor do que qualquer outra coisa a vibração do nosso ser. Que importa ganhar o mundo inteiro e perder-se no turbilhão das coisas a fazer, se isso não me satisfaz e até me arruína? Que violência contra tudo e contra todos é gerada na vida se não se entende isso! Então será difícil uma verdadeira afeição a si. Assim, como antes eu brigava com a mãe porque não me bastava mais a sua presença, e isso me “irritava”, agora brigo com os amigos, com a namorada, comigo mesmo, enfim, com tudo e todos. Em vez de afeição a si, diz Dom Giussani, vem o ressentimento: “A adolescência não tem afeição a si, tem *ressentimento* de si<sup>23</sup>”. Precisamos admitir que viver com ressentimento em relação a tudo e a todos, a começar por si próprio, não é o máximo da vida!

Mas a partir do momento em que a minha humanidade aflora com toda a sua força, a afeição a mim não pode deixar de lado as minhas exigências, as minhas necessidades, tal como elas se manifestam. Por isso Dom Giussani insiste: “Essa afeição a si traduz-se normalmente na seriedade das próprias necessidades, na seriedade do olhar para as próprias necessidades<sup>24</sup>”, na lealdade com o desejo tal como ele eclode aos nossos olhos.

## 2. A natureza do desejo

A um certo ponto da nossa evolução, portanto, emerge com força, em cada um de nós, a natureza do nosso desejo: ele é desmesurado, sem limites. Tomamos consciência do destino para o qual fomos feitos, de que somos feitos para o infinito, para o Outro (com O maiúsculo), e que a juventude é o tempo do Outro, do Tu. Mas tudo isso não o compreendemos imediatamente. Toda a dinâmica da realidade, tal como nós a surpreendemos na experiência, nos educa para o senso do Mistério, para o senso do Outro, do Tu. É decisivo para nós que nos fixemos por um instante para ver como tudo o que vivemos repropõe essa experiência e nos educa constantemente para o senso do Mistério.

No caminho que ele está nos ajudando a fazer sobre o tema da fé, Bento XVI se fixou sobre o desejo do homem e sobre a dinâmica como ele se desenvolve na vida, como passo, como estrada para enfrentar a questão: “O caminho de reflexão que estamos fazendo juntos neste *Ano da fé* nos leva hoje a meditar sobre um aspecto fascinante da experiência humana e cristã: o homem leva consigo um desejo misterioso de Deus”, como também afirma o Catecismo da Igreja católica: “Desejar a Deus é um sentimento inscrito no coração do homem, porque o homem foi criado por Deus e para Deus. Deus não cessa de atrair o homem a Si e só em Deus é que o homem encontra a verdade e a felicidade que não se cansa de procurar”. O Papa continua: “Com efeito, muitos dos nossos contemporâneos poderiam opor que não sentem minimamente tal desejo de Deus. Em amplos setores da sociedade Ele já não é o esperado, o desejado [veem isso nos seus colegas na universidade: muitos poderiam dizer: ‘Mas esse desejo não o detecto em mim’, parecem indiferentes,

---

<sup>21</sup> J. Carrón, “*Nós também queremos ser escandalosamente felizes*”. *A vida como vocação*, Società Cooperativa Editoriale Nuovo Mondo, Milão 2012.

<sup>22</sup> Cf. *Mt* 16,26.

<sup>23</sup> L. Giussani, *Uomini senza patria...*, op. cit., p. 292.

<sup>24</sup> *Ibidem*, p. 295.



mas o Papa diz]: Na realidade, aquele que definimos ‘desejo de Deus’ não desapareceu totalmente e apresenta-se ainda hoje, de muitas formas, ao coração do homem<sup>25</sup>.”

Portanto, é importante entender como se manifesta, porque não é falando em abstrato do desejo de Deus que alguém descobre carregá-lo dentro de si. Muitas vezes vocês também dizem “É abstrato”, falando igual aos seus colegas. O Papa nos ajuda a ler como, na experiência, esse Deus, esse Outro, se manifesta à nossa vida da maneira mais concreta: “O desejo humano tende sempre para determinados bens concretos, muitas vezes tudo menos que bens espirituais, e todavia encontra-se face à pergunta acerca do que é verdadeiramente ‘o’ bem. De fato, se aquilo que eu desejo fosse somente este bem concreto, deveria bastar, e ao invés não basta; assim é levado à pergunta acerca do que é verdadeiramente ‘o’ bem. O desejo humano, por conseguinte, confronta-se com algo que é outra coisa diferente de si, que o homem não pode construir, mas é chamado a reconhecer<sup>26</sup>”. Nada disso é abstrato! Se “o” bem é abstrato, por que é que não me contento com o bem concreto e fico desejando outra coisa? Por que não me fixo no que é concreto e que, aparentemente, é o que desejo? Por isso surge no homem a pergunta colocada pelo Papa: “O que, de fato, pode saciar o desejo do homem?”. Por que me faço essa pergunta? Por que vocês muitas vezes fazem essa pergunta? Será abstrato esse desejo que vai além? Não, é a coisa mais concreta, mais provocadora que carregamos dentro de nós! Não abrimos a boca, não podemos dizer e fazer nada, sem que esse desejo esteja claramente presente: “grita” em cada coisa que dizemos, em toda experiência que fazemos. É o que fica evidente, por exemplo, no amor, como observa o Papa. “Este dinamismo se realiza na experiência do amor humano, experiência que na nossa época é mais facilmente sentida como momento de êxtase, de sair de si, como lugar no qual o homem sente que é atravessado por um desejo que o supera<sup>27</sup>”. Por que você deseja mais? Por que, não quando ainda não encontrou o rapaz ou a moça que esperava, mas quando já o encontrou, quando está presente, você deseja mais? Aí se descobre que o desejo supera também isso.

“Quería contar-lhe um fato que está mudando a minha vida, sobretudo a concepção que tenho de mim mesma. Na tarde de algumas semanas atrás, depois de dias de aridez absoluta, me encontrei com o meu namorado na universidade e fui tomar um café com ele, toda desejosa de saber como estava, de passar um pouco de tempo com ele, e talvez descarregar sobre os seus ombros alguma das minhas preocupações. Nem bem tínhamos entrado no bar começamos a brigar, porque nossa relação não vai bem [os temperamentos não são compatíveis, se diz em geral: mas são bobagens as coisas que se dizem sobre os temperamentos compatíveis ou incompatíveis, porque o problema não é esse; pode-se conviver com temperamentos muito diferentes, desde que se entenda o que está em jogo]. Em suma, dois completos estranhos. Começamos a discutir por uma bobagem e eu procuro, como de costume, pregar palavras boas para tentar converter esse que eu, às vezes, rotulo como *aquele rebelde do meu namorado*. Até que, quando acabamos de brigar, vejo nos seus olhos e no seu rosto uma tristeza tão estranha quanto familiar, mas procuro desviar os olhos e volto aos estudos. À noite, depois de uma festa de formatura de dois amigos nossos, ele me acompanha até minha casa, de carro, e a certa altura, com lágrimas nos olhos, ele me diz: *pra mim nada mais me basta: o estudo, os amigos, você; é tudo muito pouco pra mim*. Eu, um pouco rebelando-me e um pouco comovendo-me, abraço-o. Nunca como dessa vez entendi que ele não é meu e que eu não posso fazê-lo feliz, que posso dizer tudo o que quiser, posso enchê-lo com todas as coisas belas que vivo e tentar, inclusive com boa fé, ajudá-lo a viver, mas o seu coração pede mais. Quem é que lhe coloca nos olhos e no coração toda essa tristeza? Quem pode completá-lo? E essas questões suscitaram um afastamento bom entre nós: ele se tornou uma coisa meio sagrada, sagrada porque sinal do bom Deus que o está chamando e que está chamando também a mim. E se tornou isso não me dizendo as coisas certas, não sendo o namorado ideal, mas tendo nos olhos uma tristeza divina. Eu me dei conta de que só respiro se Ele me pega e invade toda a minha vida, porque nem mesmo ao meu namorado – que é a pessoa mais querida para mim – consigo querer bem. Reconhecer isso, para mim, não é uma coisa pacífica, porque o chão começa a tremer sob meus pés e cada dia é uma

<sup>25</sup> Bento XVI, *Audiência geral*, 7 de novembro de 2012.

<sup>26</sup> *Idem*.

<sup>27</sup> *Idem*.

luta entre a posse doentia e egoísta das coisas e a consciência de que tudo é de um Outro. Não é uma coisa fácil, mas é a única coisa que corresponde ao meu eu, porque nunca sou eu mesma a não ser quando Cristo acontece em mim e me invade com a Sua presença”.

Então, amigos, amar alguém é amar esse destino, é amar esse desejo, é abraçar essa tristeza divina. E se vocês reduzem tudo a posse, na realidade não possuem o outro: possuem o seu aspecto mais efêmero, mais aparente, mas não o amam, porque o outro é feito dessa tristeza, desse desejo que o torna consciente de que você é pouco demais para ele. Por isso, diz o Papa, através da experiência amorosa poderá “progressivamente aprofundar-se para o homem o conhecimento daquele amor que inicialmente havia experimentado. E irá cada vez mais perfilando-se também o mistério que ele representa”. De fato, “nem mesmo a pessoa amada [...] é capaz de saciar o desejo que se hospeda no coração humano; aliás, quanto mais autêntico for o amor pelo outro, tanto mais ele deixa eclodir a pergunta sobre a sua origem e sobre o seu destino, sobre a possibilidade que ele tem de durar para sempre. Portanto, a experiência humana do amor carrega em si um dinamismo que remete para além de nós mesmos, é experiência de um bem que leva a sair de si e se postar frente ao mistério que envolve a existência inteira”. Experiências semelhantes a essa fundamental do amor existem outras; o Papa as enumera: “Poderiam também ser feitas considerações análogas em relação a outras experiências humanas, tais como a amizade, a experiência do que é belo, o amor pelo conhecimento: cada bem experimentado pelo homem tende para o mistério que envolve o próprio homem; cada desejo que se apresenta ao coração humano faz-se eco de um desejo fundamental que nunca é plenamente saciado<sup>28</sup>”.

Nada nos basta, nada plenifica o nosso coração. Essa experiência é a mesma dos ídolos musicais que às vezes nós invejamos, como descreve John Waters em sua exposição sobre o rock: “Muitas vezes, somente quando um popstar morre é que temos a possibilidade de observar quão ordinária ou plena de sofrimento foi a vida de alguém que pensávamos que tinha tudo o que nós desejamos, vivendo numa bolha isenta de preocupações humanas. Nesse fotograma cristalizado em que é descoberto o corpo, nos é possibilitado olhar para uma vida que imaginávamos que fosse completa, e descobrimos que era tudo, menos isso. ‘O que acontece quando você tem tudo?’. Quando uma outra popstar foi destruída por aquilo que é chamado de *excesso*, ficamos alerta e buscamos indícios. Em pouco tempo chegamos a um esboço de conclusão: ‘Ah, os popstars! Estilo de vida excessivo, tendência para o abuso do álcool e das drogas’ e raramente vamos mais fundo do que essa análise superficial. Talvez num nível mais profundo e obscuro percebamos um sentimento de vingança: há algo a dizer para sermos *normais*. Mas, na realidade, essas explicações não nos tornam minimamente capazes de entender a vida de uma pessoa que morreu. O que a história da ‘trágica Amy’ ou da ‘Whitney solitária’ omitem é a medida em que a vida pessoal de uma estrela assemelha-se à vida pessoal de todos nós. Intérpretes como Amy ou Whitney são abençoadas por um enorme talento, que lhes acarreta fama, riqueza e uma oportunidade com a qual a grande maioria das pessoas apenas sonha. Levam uma vida em que belíssimas casas, carros muito caros e suítes de hotel estão na ordem do dia. Vivem vidas superprotegidas, rodeadas por seguranças, altos muros protetores e barreiras eletrificadas. As vidas dessas pessoas, uma vez que deixam o palco e voltam para suas existências blindadas, podem ser bastante diferentes do que as pessoas do público imaginam dentro do ônibus que as levam de volta para casa, depois do show. Têm tudo o que sempre desejaram, mas percebem que agora que tudo têm, esse tudo não satisfaz uma certa necessidade que permanece obstinadamente presente [uma necessidade que nós em geral acusamos de ser abstrata: dizemos que é abstrata, e temos a impressão de estarmos sendo geniais!], mesmo quando o mundo os olha com veneração e inveja. Com frequência se veem isolados, distantes de todos os que se encontram ao seu lado. Ninguém dos que encontram parece indiferente à sua riqueza e fama; portanto, começam a não confiar nas pessoas, pensando não agradar a ninguém e não serem amados pelo que são [e sim apenas pelo que têm ou pela fama que possuem]. Perdem-se numa falsa versão da realidade, construída pela indústria para proteger o seu investimento. Portanto, faltando uma base sobre a qual se apoiar, o talento procura fora de si uma ajuda química. Como disse Céline Dion, ‘tomar pílulas para se

---

<sup>28</sup> *Idem.*

apresentar e outras para despertar e outras para dormir'. [...] Mas o único momento real na vida de tal pessoa, os únicos momentos em que percebe alguma realidade que desafia a vida [...], é quando canta sobre o palco. Dentro de si, a estrela é definida não pelos símbolos da celebridade ou pelos frutos do sucesso, mas pelas mesmas forças emocionais que afligem todos nós<sup>29</sup>”.

Diz o Papa: “Sem dúvida, deste desejo profundo, que esconde também algo de enigmático, não se pode chegar diretamente à fé. O homem [...] conhece bem o que não o sacia, mas não pode imaginar ou definir o que lhe faria experimentar aquela felicidade da qual leva no coração a saudade. [...] Sob este ponto de vista permanece o mistério: o homem é indagador do Absoluto, um indagador que dá passos pequenos e incertos. E contudo, já a experiência do desejo, do ‘coração inquieto’ como lhe chamava Santo Agostinho, é bastante significativa. Ela confirma-nos que o homem é, no profundo, um ser religioso [...]. Podemos dizer com as palavras de Pascal: ‘O homem supera infinitamente o homem’<sup>30</sup>”.

Portanto, o Papa nos convida a uma “pedagogia do desejo”, nos convida a fazer um caminho, a usar todas as coisas que acontecem conosco para nos abrir a esse mistério, a partir das alegrias autênticas da vida, que fazem emergir o desejo de Deus, a partir do fato de que nada nos satisfaz, a fim de que possamos aprender a esperar desarmados aquele bem que não podemos construir ou adquirir e não desanimar pelas dificuldades e pelos obstáculos que vêm do nosso mal, do nosso pecado.

Uma de vocês também diz: “Enquanto estudava para uma prova, aconteceu que no espaço de poucos dias morrerem duas pessoas que eu conhecia, mesmo que só de vista. Esses dois fatos não me deixaram tranquila e me colocaram duas possibilidades: ou achar que o meu estudo era inútil (porque, afinal, tudo termina em nada), ou desejar viver tudo, inclusive a minha prova, de um modo que estivesse à altura da vida e da morte. A primeira possibilidade que me ocorria toda manhã eliminava a promessa de bem que eu intuía em minha vida. Parecia que essa promessa não era bastante forte para lhe dar crédito, e o resultado dessa posição era que eu vivia tudo com superioridade e desinteresse, não esperando mais nada. Ajudada sobretudo pelo trabalho sobre a Jornada de Início de Ano comecei a dar espaço para a hipótese de que a realidade toda existe para mim, de que toda experiência que faço [do amor, da amizade, da beleza, de todas essas coisas enumeradas pelo Papa] existe para mim, para o meu amadurecimento, isto é, para a minha autoconsciência, para que eu perceba do que sou feita e o que verdadeiramente desejo, e me dei conta de que eu desejo muito mais do que passar numa prova, que o que quero da minha vida não são alguns pequenos sucessos, mas a realização”.

Mas muitas vezes, como já acenava o Papa, a pessoa fica bloqueada pelos próprios erros. “Neste período – me diz um de vocês – vejo crescer em mim um cinismo, derivado não do fato de não encontrar nada, mas do fato de trair o que encontrei, e depois de ter cometido alguns enganos me dou conta de que a concepção que tenho de mim é determinada por tais erros e incoerências”.

Conhecendo isso, o Papa nos diz: não desanimem por causa das dificuldades e dos obstáculos que vêm do nosso pecado, porque, como escrevia na mensagem ao Meeting de Rímíni, “mesmo depois do pecado permanece no homem o desejo premente de um diálogo com o Mistério, permanece todo o desejo: *Ó Deus, Tu és o meu Deus, desde a aurora eu Te procuro, de Ti tem sede a minha alma, Te deseja a minha carne, em terra árida, sedenta, sem água*”. Nenhum mal, nenhum erro pode eliminar isso; “não só a minha alma, mas todas as fibras da minha carne são feitas para encontrar a sua paz, a sua realização em Deus. E essa tensão é incancelável do coração do homem, mesmo quando ele se recusa ou nega Deus não desaparece a sede de infinito que habita o homem. [...] A sede da alma e o anseio da carne de que fala o Salmista não podem ser eliminados<sup>31</sup>”. Esse é o sinal de como o desejo de Deus não é definido pelo nosso mal e de como o Mistério ainda nos quer, do contrário Deus já nos teria eliminado da face da Terra.

O desejo permanece. “Portanto, não se trata de sufocar o desejo que se encontra no coração do homem, mas de libertá-lo, para que possa alcançar a sua verdadeira altura. Quando no desejo se abre a

<sup>29</sup> J. Waters, “Memorial Room”, in *Tre accordi e il desiderio di verità. Rock'n'roll come ricerca dell'infinito*, org. por J. Waters, Società Editrice Fiorentina, Florença 2012, pp. 76-77.

<sup>30</sup> Bento XVI, *Audiência geral*, 7 de novembro de 2012.

<sup>31</sup> Bento XVI, *Mensagem ao XXXIII Meeting pela Amizade entre os Povos*, 10 de agosto de 2012.

janela em direção a Deus, isto já é sinal da presença da fé no ânimo, fé que é uma graça de Deus. Sempre Santo Agostinho afirmava: ‘Com a expectativa, Deus alarga o nosso desejo, com o desejo alarga o ânimo e dilatando-o torna-o mais capaz’<sup>32</sup>. Aí entendemos o quanto é falso o que geralmente dizemos, isto é, que é abstrato afirmar que nós somos relação com o infinito.

“Esta noite percebi que sou forte no discurso, teoricamente entendi tudo, mas depois, no cotidiano, nunca deixo que o que encontrei se torne critério das jornadas, das escolhas que faço, e assim, ao invés de ficar mais serena, cresce em mim uma espécie de ceticismo. Por exemplo, quando você disse que somos feitos para o infinito, experimentei certo mal-estar porque isso me parecia algo muito abstrato. Eu pensava no apartamento onde moro, pois tenho dificuldade de convivência com uma colega, e dizia: sinto muito, mas diante dela o fato de que nós somos relação com o infinito não adianta, é abstrato”. Mas o fato de ter se irritado com a sua colega demonstra que o nosso ser “relação com o infinito” é abstrato ou demonstra, ao contrário, que esse é o verdadeiro concreto? Por que não lhe basta qualquer tipo de relacionamento com a sua companheira de apartamento? Por que você fica irritada? Somente pelo seu temperamento ou por que você deseja algo diferente na relação com ela? Continua a nossa amiga: “Achei que outro dia coloquei exatamente em prática esse meu raciocínio quando disse que estava muito irritada e saí do apartamento, para tomar um pouco de ar. Porém, logo me dei conta de que, apesar de ter fugido e de ter feito a coisa da minha cabeça, eu não estava feliz”. Então o problema não são os outros, porque mesmo quando fugimos não estamos contentes. “O fato de eu achar que ela estava errando e ter fugido não havia me tornado mais livre, mas apenas mais alienada. Depois, nos dias seguintes, falei com uma minha colega e diante dela não é que a minha irritação racional desapareceu, mas pensei: mas quem sou eu para reduzir o outro aos seus erros, quando ninguém me olha assim? Se Jesus não nos olha a partir dos nossos erros, por que nós deveríamos fazer isso? Devo lhe confessar que não foi nada abstrato ou intelectual reconhecer que nós somos maiores do que as reduções que fazemos, e que isso não quer dizer que os erros não nos dizem respeito, mas que podemos enfrentá-los sem fugir. Eu estou mais feliz vivendo assim. Percebi que não sou feita para fugir, mas para estar inteira durante toda a minha vida”.

Quando vemos toda a dimensão do nosso desejo, diante de uma grandeza tão ilimitada, a pergunta que vem à mente é: mas isso é uma vantagem ou uma condenação? Não será uma condenação desejar tanto assim? O Papa fez referência justamente a essa objeção que se ergue dentro de nós, uma espécie de rebelião: “A esta altura, porém, surge uma pergunta. Não será, talvez, estruturalmente impossível ao homem viver à altura da própria natureza? Não será uma condenação esse anseio pelo infinito, que ele percebe mas nunca consegue satisfazer totalmente?<sup>33</sup>”. Quantas vezes nos ocorreu a objeção: não seria melhor nos acomodar? Não seria melhor que eu não tivesse encontrado nada ou ninguém que despertasse em mim esse desejo de infinito? Às vezes nos agradaria não ter estado naquele evento que o despertou em nós, preferiríamos retornar às cebolas do Egito, como o povo de Israel (eram escravos, mas pelo menos tinham as cebolas!). Por que desejar tanto?

“Essa pergunta nos leva diretamente” – quanto mais forte e dramaticamente se percebe a espera – “ao coração do cristianismo<sup>34</sup>”. É o último ponto do nosso percurso, que pego emprestado de Péguy: “Para esperar é preciso ter recebido uma grande graça<sup>35</sup>”.

### **3. A presença que me permite amar-me agora**

“O próprio Infinito, de fato” – diz o Papa –, “para se tornar resposta que o homem possa experimentar, assumiu uma forma finita. Desde a Encarnação, do momento em que o Verbo se fez carne, foi extinta a inalcançável distância entre finito e infinito: o Deus eterno e infinito deixou o

<sup>32</sup> Bento XVI, *Audiência geral*, 7 de novembro de 2012.

<sup>33</sup> Bento XVI, *Mensagem ao XXXIII Meeting pela Amizade entre os Povos*, 10 de agosto de 2012.

<sup>34</sup> *Idem*.

<sup>35</sup> Ch. Péguy, *Il portico del mistero della seconda virtù*, in *I Misteri*, Jaca Book, Milão 1986, p. 167.

seu Céu e entrou no tempo, mergulhou na finitude humana<sup>36</sup>” para dar uma resposta ao nosso desejo do infinito.

Diante dessa notícia, como podemos ficar seguros, como podemos saber com certeza que aquilo que o cristianismo anuncia aconteceu? Aqueles que encontraram Cristo O reconheceram pela Sua capacidade de conhecer o coração humano. “Só o divino pode *salvar* o homem; isto é, as dimensões verdadeiras e essenciais da figura humana e do seu destino só podem ser *conservadas* por Aquele que é o seu sentido último, ou seja, reconhecidas, proclamadas, defendidas”. De fato, Jesus, o divino feito carne, o infinito que se fez finito, “demonstra na sua existência uma paixão pelo indivíduo, um ímpeto pela felicidade do indivíduo que nos leva a considerar o valor da pessoa como algo incomensurável, irredutível”. Para Ele, o “problema da existência do mundo é a felicidade de cada homem<sup>37</sup>”, a minha, a sua. É isso que surpreendemos em cada página do Evangelho.

“Quando ele [Jesus] se aproximava de Jericó, havia um cego, mendigando, sentado à beira do caminho. Ouvindo os gritos da multidão que transitava, perguntou o que era. Informaram-no que Jesus, o Nazareno, passava. E ele pôs-se a gritar: *Jesus, filho de Davi, tem compaixão de mim!* Os que estavam à frente repreendiam-no, para que ficasse em silêncio; ele, porém, gritava mais ainda: *Filho de Davi, tem compaixão de mim!*” [essa é a luta que se desencadeia em cada um de nós, entre aqueles que nos dizem *fique quieto, não perturbe mais* e o nosso grito: o cego de nascença gritava mais forte; e essa luta ninguém a pode fazer em nosso lugar: o que corresponde mais, calar ou gritar? Somente para quem tem a coragem de gritar pode acontecer o que aconteceu com aquele cego]. “Jesus se deteve e mandou que o levassem a ele” [com esse gesto, Jesus expressa toda a paixão pelo homem; ninguém da multidão se importa, querem fazê-lo calar – e em geral são os “amigos” que dizem: “Não perturbe!”, mas há Alguém que leva a sério todo o seu desejo: para e ordena que o tragam até Ele]. “Quando chegou perto, perguntou-lhe: *Que queres que eu faça?* Ele respondeu: *Senhor, que possa ver novamente.* Jesus lhe disse: *Vê de novo; tua fé te salvou*<sup>38</sup>”. Passaram-se dois mil anos desde que isso aconteceu, mas não podemos mais eliminá-lo da face da Terra: claro, podemos nem ligar, ignorar, ou podemos abrir-nos à sua possibilidade. É preciso paixão por si mesmo para captar no gesto de Jesus toda a promessa que Ele representa para a vida de um homem que deseja tudo, como aquele cego. De fato, “o maior milagre, que impressionava os discípulos todos os dias, não eram as pernas curadas, a pele limpa, a vista readquirida. O maior milagre era aquele a que já acenamos: um olhar revelador do humano do qual não se podia subtrair. Não há nada que convença um homem mais do que um olhar que o atinja e reconheça o que ele é, capaz de revelar um homem a si mesmo<sup>39</sup>”.

Como aconteceu com aquela mulher da Samaria; a simples leitura do texto emociona: “Chegou, então, a uma cidade da Samaria, chamada Sicar, perto da região que Jacó havia dado a seu filho José. Ali se achava a fonte de Jacó. Fatigado da caminhada, Jesus sentou-se junto à fonte. Era por volta da hora sexta. Uma mulher da Samaria chegou para tirar água. Jesus lhe disse: *Dá-me de beber!* Seus discípulos haviam ido à cidade comprar alimento. Diz-lhe, então, a samaritana: *Como, sendo judeu, tu me pedes de beber, a mim que sou samaritana?* (Os judeus, com efeito, não se dão com os samaritanos). Jesus lhe respondeu: *Se conhecesses o dom de Deus e quem é que te diz: Dá-me de beber, tu é que lhe pedirias e ele te daria água viva!*” [Jesus poderia ter continuado com esse jogo: judeu, não judeu, samaritano; mas corta logo: Se conhecesses quem é que te diz dá-me de beber...; podemos começar partindo de qualquer ponto e aí se vê a diversidade: falando do que todos falam, Jesus vai logo ao coração da questão; e aquela mulher, como se não tivesse ouvido, lhe diz:] “*Senhor, nem sequer tens vasilha e o poço é profundo; de onde, pois, tiras essa água viva? És, porventura, maior que o nosso pai Jacó, que nos deu este poço, do qual ele mesmo bebeu, assim como seus filhos e seus animais?* Jesus lhe respondeu: [desafia-a de novo, não se retira] “*Aquele que bebe desta água terá sede novamente; mas quem beber da água que lhe darei, nunca mais terá sede. Pois a água que eu lhe der tornar-se-á nele fonte de água jorrando para a vida eterna.*”

<sup>36</sup> Bento XVI, *Mensagem ao XXXIII Meeting pela Amizade entre os Povos*, 10 de agosto de 2012.

<sup>37</sup> L. Giussani, *Na origem da pretensão cristã*, Ed. Companhia Ilimitada, São Paulo 2012, p. 106.

<sup>38</sup> Lc 18,36-42.

<sup>39</sup> L. Giussani, *Na origem da pretensão cristã*, op. cit., pp. 76-77.

[Então a mulher para de jogar, é tocada no íntimo do seu ser, esse fato é tão correspondente ao que deseja que transforma a sua arrogância em pedido:] “Disse-lhe a mulher: *Senhor, dá-me dessa água, para que eu não tenha mais sede, nem tenha de vir mais aqui para tirá-la!* Jesus disse [dá-lhe um sinal]: *Vai, chama teu marido e volta aqui.* A mulher lhe respondeu: *Não tenho marido.* Jesus lhe disse: *Falaste bem [...], pois tiveste cinco maridos e o que tens agora não é teu marido; nisso falaste a verdade.*” [Nem cinco maridos tinham saciado a sede dessa mulher; podem acrescentar o que quiserem, mas essa mulher tinha mais sede do que antes]. “Disse-lhe a mulher: *Senhor, vejo que és profeta! [...] Sei que vem um Messias (que se chama Cristo). Quando ele vier, nos explicará tudo.* Disse-lhe Jesus: *Sou eu, que falo contigo.* Naquele instante, chegaram seus discípulos e admiravam-se de que falasse com uma mulher. [...] A mulher, então, deixou seu cântaro e correu à cidade, dizendo a todos: *Vinde ver um homem que me disse tudo o que fiz. Não seria ele o Cristo?* Eles saíram da cidade e foram ao seu encontro [...]. Muitos samaritanos daquela cidade creram nele, por causa da palavra da mulher que dava testemunho: *Ele me disse tudo o que fiz!* Por isso os samaritanos vieram até ele, pedindo-lhe que permanecesse com eles. E ele ficou ali dois dias. Bem mais numerosos foram os que creram por causa da palavra dele e diziam à mulher: *Já não é por causa de teus dizeres que cremos. Nós próprios o ouvimos, e sabemos que é verdadeiramente o salvador do mundo*<sup>40</sup>”.

Comentando esse texto, o Papa observa: “Não há homem ou mulher que, durante sua vida, não se encontre, como a mulher da Samaria, junto a uma fonte com um cântaro vazio, na esperança de encontrar a satisfação do desejo mais profundo do coração, o único que pode dar significado pleno à existência. Muitos são hoje os poços que se oferecem à sede do homem, mas é preciso discernir para evitar águas poluídas. Urge orientar bem a busca, para não cair nas garras de desilusões, que podem ser danosas. Como Jesus no poço de Sicar, a Igreja também sente que precisa sentar-se ao lado dos homens e das mulheres deste tempo, para tornar presente em suas vidas o Senhor, de modo que possam encontrá-Lo, porque só o Seu Espírito é a água que dá a vida verdadeira e eterna. Só Jesus é capaz de ler no fundo do nosso coração e de nos revelar a nossa verdade: ‘Ele me disse tudo o que fiz’. [...] E essa palavra de anúncio – à qual se une a pergunta que abre para a fé: ‘Não será ele o Cristo?’ – mostra que quem recebeu a vida nova do encontro com Jesus, por sua vez, não tem como não se tornar um anunciador<sup>41</sup>”.

Isso é muito bonito, mas acontece hoje? Era a pergunta que me faziam os meus alunos: “É muito bonito, nós também ficamos comovidos com a leitura das páginas do Evangelho. Ficamos imaginando se estivéssemos presentes lá! É muito bonito, mas acontece hoje?”.

Ouçamos a narrativa de uma de vocês: “Há cerca de um mês, a minha vida teve uma virada, finalmente. Finalmente, depois de dias e meses de total apatia, encontrei algo tão bonito e grandioso que eu não podia mais permanecer no ponto em que estava antes. Mas antes, onde eu estava? Vivía os dias esperando que passassem depressa, sem ter a mínima consciência do que estivesse acontecendo ao meu redor, mas sobretudo dentro de mim. Vivi setembro com ansiedade e angústia, aterrorizada com a entrada na universidade, não sabendo que faria a maior descoberta, a descoberta de mim mesma, do meu verdadeiro eu, que estava adormecido e que eu havia esquecido. Graças a uma colega do ensino médio, em setembro cheguei à universidade e Alguém, estou certa disso, quis me dar um presente, o dom inesperado pelo qual sou grata e que mudou minha vida: o fato de ter assistido à apresentação do meu Curso de Graduação feita por alguns universitários no dia 20 de setembro, eu me lembro até da data exata, e de ter conhecido logo depois, no pátio, aquelas pessoas que deixaram em mim uma sensação que ainda hoje me comove. Essas pessoas já haviam me impressionado sem eu saber nada delas, do Movimento, de Dom Giussani, de Carrón; dava para ver, porém, que havia algo de diferente, que aquela familiaridade entre eles não era natural. Voltei para casa contente com a experiência feita e um pouco mais convicta da escolha universitária. Durante a primeira semana de aulas, minhas colegas me disseram: ‘Nós vamos à Escola de Comunidade. Quer ir com a gente?’. Instintivamente fui com elas, levada pela curiosidade. Pela

<sup>40</sup> Jo 4,5-42.

<sup>41</sup> Bento XVI, *Mensagem ao Povo de Deus na conclusão da XIII Assembleia Geral Ordinária do Sínodo dos Bispos*, 26 de outubro de 2012.

primeira vez vi o que significa viver algo tão profundo e, ao mesmo tempo, verdadeiro. Tenho lembranças vivas da Escola de Comunidade, mas sobretudo de como me senti quando terminou: as únicas palavras que eu podia pronunciar eram: mas que lindo! Uma coisa assim eu jamais tinha visto e vivido! À noite, me perguntei: por que, entre todas as pessoas da universidade, encontrei justamente essas do Movimento? É apenas um acaso ou Alguém quer alguma coisa de mim? Enchi a todos de muitas perguntas, algumas delas até banais, elementares. Li as anotações da Jornada de Início de Ano, comecei do zero, como principiante. Meus pais, mesmo não sendo do Movimento, agora ficam contentes quando me veem ir à universidade toda feliz. Eles me olharam nos olhos e simplesmente me pediram que eu contasse o que tinha acontecido comigo. A todos aqueles que criticam, aos amigos que tive de confrontar e que no início não entendiam (muitos até hoje são céticos) só posso dizer: obrigada; obrigada, porque se eles não me tivessem oposto suas razões, eu não teria encontrado as minhas, não teria ido ao fundo das questões. A disputa dialética me obrigara a raciocinar, a discutir comigo mesma, explicando a mim e a eles o que eu havia encontrado. No final, o que eu não posso mesmo ignorar são as pessoas que encontrei, os olhares que todos os dias me dirigem, as infinitas atenções que diariamente me dedicam e que eu não consigo explicar. Por que, com todo o pessoal que existe, com todos os problemas que cada um de nós tem, eles ainda têm tempo para dedicar a mim? Como é possível? Isso, na minha opinião, é o sinal mais tangível da presença de Cristo. Não são tanto as discussões que merecem receber o crédito, mas a beleza que transparece de todas as pessoas que encontrei neste mês”.

“O sentido da nossa vida – diz Dom Giussani – se revelou a nós e se revela a nós, impressiona a nossa existência, acompanha e ajuda a nossa existência, dentro de um tempo e de um espaço, isto é, dentro de uma realidade humana fisicamente perceptível”, como essa que a amiga encontrou. O sentido da nossa vida nos alcança dentro de uma realidade humana, “e essa realidade humana fisicamente perceptível, como companhia para a maturidade em nossa busca do destino, em nossa adesão e em nossa espera de que se revele totalmente o significado da nossa vida, essa forma, essa nesga de tempo e de espaço, não é escolhida por nós, e sim encontrada, é reconhecida (não escolhida, mas reconhecida): é esse retalho de tempo e de espaço que nos atinge, é o encontro, é esse encontro e, portanto, essa percussão da nossa consciência que não existe igual [como escreve a jovem: ‘uma coisa que jamais vi ou vivi’]. Ainda que seja confuso, intermitente, apenas sugerido, mas carrega dentro de si um acento inconfundível de promessa, de esperança e de perspectiva<sup>42</sup>”.

É o que conta outro amigo: “Encontrei dois novos amigos, compartilhamos a vida na universidade, e logo nos primeiros dias apresentei-lhes uma pessoa que foi para mim muito significativa, uma testemunha muito importante. E voltando ao carro, um dos dois me disse: *Nunca ninguém me tratou assim*”.

“A fé – afirma Dom Giussani – é reconhecer o divino presente. Como há dois mil anos Simão, Madalena, a Samaritana, Zaquieu, talvez dentro de uma formalidade mais frágil e tangencial, você também foi tocado pelo pressentimento dessa Presença, ou por essa Presença como um pressentimento de vida diferente, como o pressentimento de uma promessa de vida. Do contrário, você não estaria aqui! Tomar consciência disso, olhar isso de frente, dizer *Tu* a isso, como leva a abraçar de maneira diversa e com verdade, como leva a olhar com verdade, como leva a enfrentar com verdade todas as coisas!<sup>43</sup>”. O pressentimento de uma promessa de vida. Porque Jesus não apenas promete, mas cumpre.

“Caro Julián, na semana passada uma minha cara amiga me disse que há um ano começou o noviciado dos *Memoires Domini* e que em breve vai viver numa casa do Grupo adulto. Você precisava ver o seu rosto de apaixonada. Ela falava de como nasceu e se aprofundou essa decisão nela, com os olhos plenos de um amor, uma afeição a Cristo, como se fosse um companheiro da sua vida em carne e osso, nos últimos anos. A noite toda fiquei olhando para ela e admirando como mudou e como estava tão feliz. Na verdade, naquele momento fiquei pensando: ou está maluca ou, quem pode corresponder tanto assim ao desejo do coração de uma pessoa, de modo a levá-la a

<sup>42</sup> L. Giussani, *Dall'utopia alla presenza...*, op. cit., pp.381-382.

<sup>43</sup> L. Giussani, *Qui e ora (1984-1985)*, Bur, Milão 2009, pp. 434-436.

decidir doar toda a vida, a não ser Cristo presente agora? Naquela noite éramos uns quinze amigos. Enquanto ela falava, várias vezes ocorreram longos momentos de silêncio, não um silêncio embaraçoso, em que não se sabe o que dizer porque tudo parece inadequado, mas um silêncio carregado de comoção, carregado de uma Presença imponente, uma Presença de tal modo imponente e real que chegou a mudar e conquistar a vida da minha amiga e que, naquele momento, através da sua mudança, estava conquistando também a mim. Nada faz vibrar tanto assim o meu coração, às vezes a ponto de me comover, como o reconhecimento de Cristo presente agora através de uma humanidade mudada. Para mim, isso ficou cada vez mais claro, porque ocorreu comigo a mesma experiência, inclusive ao ouvir as suas palavras na última Escola de Comunidade ou ao ler a carta dos pais de Bizzo<sup>44</sup> por ocasião da passagem do primeiro ano da sua morte, ou a de Francesca<sup>45</sup>. Quando isso acontece, me vejo livre inclusive para olhar para mim mesmo sem escândalo pelos meus limites e livre para propor aos outros o que encontrei. Frente a isso, porém, não consigo ficar tranquilo e nestes dias estou mais inquieto ainda do que antes, e inicio a minha jornada e nada mais desejo que poder voltar a encontrar os traços do Seu rosto na realidade das coisas que tenho diante de mim, nos encontros que faço, porque se isso não acontece chego ao fim do dia tendo feito um monte de coisas (departamento, aulas, estudo, encontros, eventos do Movimento), mas com uma nostalgia infinita no fundo do coração, que me faz perguntar: mas para que serviu tudo o que fiz hoje se não pude Te encontrar? Por isso estou nestes Exercícios, grato por ter sido preferido e desejoso de continuar a caminhar para ser educado à simplicidade de reconhecer todos os dias que *corro para alcançar a Cristo, por quem já fui alcançado*".

Por isso, como tem razão Péguy quando diz que "para esperar é preciso ter recebido uma graça"! E a graça o que é? A graça é Ele, a Sua presença, não são os Seus dons, mas Ele, porque sem Ele eu não posso me amar agora, não posso ter essa afeição por mim agora. "Não se pode permanecer no amor a si mesmo – nos lembra ainda Dom Giussani – sem que Cristo seja uma presença tal como é uma presença a mãe em relação à criança que não sabe como fazer as coisas, que choraminga porque a quer junto de si. Se Cristo não for presença agora – agora! – eu não posso me amar e não posso amar você agora. Se Cristo não ressuscitou, eu estou acabado, mesmo se tenho todas as Suas palavras, todos os Seus evangelhos. Com os textos dos evangelhos eu poderia até me suicidar, mas com a presença de Cristo não, com a presença reconhecida de Cristo não!<sup>46</sup>".

Cristo ressuscitou, ou seja, é contemporâneo no tempo e na história através daqueles rostos que me propõem de novo agora a Sua promessa. Como diversos dizem, ao falar dos encontros com vocês: "Quando giro pelos corredores e encontro o olhar de um deles me sinto feliz e em casa; quando não os vejo, quero procurá-los porque desejo estar com eles. Mas eles, por acaso, me prometeram alguma coisa? Eu me dei conta de que nenhum deles jamais me prometeu algo, mas na verdade prometeram tudo. São eles a promessa, com o seu modo de viver, de estar juntos, de olhar as pessoas a fim de que se sintam amadas, a fim de que não lhes falte nada. São eles a promessa". "Alguém lhe prometeu alguma coisa hoje?" – diz ainda um outro – "Devo reconhecer que uma promessa existe: os seus rostos".

Dom Giussani escreve: "A comunidade é o lugar da continuidade do acontecimento, literalmente da continuidade do acontecimento de Cristo de dois mil anos atrás, aquele do encontro com a Samaritana [...]. A comunidade é o lugar da continuidade do toque, daquele toque, daquele aceno, que lhe deu um pressentimento de vida nova, uma promessa acenada, o aceno a uma promessa de vida mais verdadeira, de vida, que o levou a se juntar a nós. A comunidade é o lugar da continuidade de Cristo, a continuidade do acontecimento de Cristo, e do acontecimento do Cristo que lhe tocou. Porque é através de uma contingência, através de uma casualidade de circunstâncias, a casualidade de circunstanciais relacionamentos, que Cristo, que o acontecimento de Cristo para Simão ou para a Samaritana, se tornou acontecimento para você. Cristo se tornou o acontecimento da vida para você através de uma casualidade de relacionamentos. Se você foge dessa aparente

<sup>44</sup> Cf. "Preferidos, mesmo dentro da dor", carta de Flavio e Ester Bizzozero, 6 de novembro de 2012, em *passos on line*.

<sup>45</sup> Cf. D. Perillo, "Com a própria vida", *Passos-Litterae communionis*, n. 143, novembro 2012, pp. 11-12; Id., "Olhem, eu vou para o Paraíso".

<sup>46</sup> L. Giussani, *Qui e ora...*, op. cit., p. 77.



casualidade de relacionamentos, de circunstâncias, de relações circunstanciais, você perde, não essas relações, mas o que o impressionou nesses relacionamentos<sup>47</sup>”.

O que o impressionou nesses relacionamentos? Ele, o Mistério feito carne, Cristo. Dizia-o – como que Lhe dando a palavra – São João Crisóstomo: “Não só com tudo isso eu testemunho o meu amor. [...] Eu deixei o meu Pai e vim até você, você que me odiava, fugia de mim e não queria nem mesmo ouvir o meu nome; eu o segui, acompanhei suas pegadas, para me apossar de você; eu o uni, o liguei a mim, o agarrei, o abracei. *Coma-me*, eu disse, *beba-me*. E eu o mantenho comigo no céu e me ligo a você nesta Terra. Não me basta que eu possua no céu as suas primícias, isso não sacia o meu amor. Desci novamente à Terra, não só para me misturar no meio do seu povo, mas para abraçar forte justamente você<sup>48</sup>”, para que você pudesse amar a si próprio.

---

<sup>47</sup> *Ibidem*, p. 438.

<sup>48</sup> Cf. Giovanni Crisostomo, *Commento alla prima Lettera a Timoteo, Omelia XV*, Edição completa organizada por G. Di Nola, Città Nuova, Roma 1995.

## Assembleia – Julián Carrón

8 de dezembro, à tarde

*Julián Carrón:* Foram feitas muitas perguntas e, como sempre, para não repetir, escolhemos entre aquelas mais recorrentes a formulação que nos pareceu mais fácil de entender, mais compreensível. Então, comecemos.

*Colocação:* Percebo que dizer que as coisas não me bastam carrega o risco do desinteresse e da falta de compromisso com a realidade. Por exemplo: é verdade que cantar bem (eu faço parte de um coral) não preenche o desejo de infinito do meu coração, mas, ao mesmo tempo, preciso fazê-lo bem feito para reconhecer os traços inconfundíveis d’Aquele que pode preencher o meu coração. Por isso gostaria de lhe perguntar: diante da realidade, no fundo, nada basta, mas como conciliar isso com o fato de que a realidade é uma estrada? Por que preciso de uma coisa que no final das contas não me basta?

*Carrón:* Agradeço muito essa pergunta porque, como sempre, o primeiro a aprender sou eu. De fato, refletindo sobre ela percebi melhor ainda a genialidade do Mistério, porque verdadeiramente esse método é genial. Imaginem o Mistério: está tão contente, tão feliz, que, como acontece quando duas pessoas estão felizes (imaginem duas pessoas casadas, querem difundir a sua plenitude e, assim, dessa alegria vem o desejo de comunicá-la a um filho), quer comunicá-lo. A criação nasceu assim, dessa explosão de felicidade que Deus vivia, naquela relação única, misteriosa, entre o Pai, o Filho e o Espírito Santo; então quis criar os homens para poder compartilhar com eles essa Sua felicidade. E qual método utilizou para levá-los a essa felicidade? Nós logo pensamos: se quis compartilhar conosco essa felicidade, por que não nos criou já diretamente no Céu? Por que não nos deu logo tudo, e assim abreviaria o percurso? Mas se a gente começa a olhar as coisas com um pouco de calma, se pergunta: se o Mistério tivesse feito assim, o que teria eliminado? A liberdade, porque seríamos obrigados a viver assim desde o início, sem a possibilidade de aderir livremente; mas seria humana uma salvação que não fosse livre? Já contei o diálogo que tive com um taxista “teólogo” em Milão: estava espantado – digamos melhor –, estava quase que escandalizado com o fato de Deus deixar acontecer certas coisas na história sem intervir; estava, no fundo, no fundo, escandalizado com a liberdade (porque, no final, é esse o ponto: o escândalo da liberdade). Para me explicar melhor lhe perguntei: mas você gostaria que sua mulher o amasse por um mecanismo que permitisse que ela nunca errasse ou preferiria que ela o amasse livremente? E o taxista, de imediato respondeu: *Eu preferiria que me amasse livremente*. “Está vendo? O Mistério, que certamente não tem um gosto pior do que você – em vez de criar outras estrelas que brilhassem mecanicamente, outros seres que girassem pontualmente segundo uma lei fixa –, preferiu, quis correr o risco da liberdade”.

Quando começamos a olhar as coisas mais atentamente, vemos que a única possibilidade de o desígnio de Deus se cumprir era muito diferente da nossa imaginação, então começamos a entender o motivo pelo qual o Mistério nos fez com um desejo ilimitado, sem limites: para compartilhar conosco a Sua plenitude. Mas esse desejo precisava ser constantemente despertado, constantemente educado. E como o Mistério podia reabrir de maneira contínua o nosso desejo, educar-nos para expressarmos-nos com toda a nossa urgência de plenitude? A única modalidade era servir-se das realidades concretas; não bastava um discurso, porque um discurso não nos prende suficientemente, não nos dilata, não nos escancara. Ele nos colocou diante de coisas concretas que nos atraíssem, que nos abrissem, que escancarassem toda a nossa capacidade: da razão, da afeição, todo o desejo ilimitado que temos, e que é preciso continuamente despertar. E isso só podia acontecer através de algo concreto que, ao mesmo tempo, não nos satisfizesse plenamente. Só esse método tão real, tão concreto, tão preciso, que nos prende e alarga a nossa razão, podia, ao mesmo tempo, respeitar a nossa liberdade, para que nós, frente ao concreto que acontece, possamos abrir-nos a algo que vai

além ou possamos recusar fazê-lo; como quando alguém recebe flores (é o exemplo que damos com frequência): as flores são uma coisa concreta – podem murchar –, mas uma coisa concreta que remete para algo além dela, são um sinal, como dizemos. Podemos decidir: ou usufruímos delas até que murchem, como fazemos muitas vezes com as coisas e com as pessoas (as possuímos até que se esgotem e depois permanecemos sozinhos), ou seguimos aquilo para o qual remetem, como sinal, e então isso nos abre. Esse é um método que se harmoniza com a natureza da razão, que se escancara perante o real, e é um método que respeita a liberdade. Tanto isso é verdade (tanto é verdade!) que o método sacramental, esse método do sinal, pelo qual alguma coisa nos provoca, nos abre, nos alarga, que foi o método seguido também por Jesus. De fato, Jesus, ligando as pessoas a Si, as abria a um diálogo ainda mais misterioso com o Pai, as educava constantemente para o Mistério. Dom Giussani diz que a coisa fundamental que Cristo faz, do ponto de vista educacional, é educar o nosso senso religioso; toda a luta acirrada que Jesus mantém com os discípulos, quando querem reduzi-Lo à medida deles, é para abri-los para o Mistério. Os discípulos, ou o povo, querem apegar-se a Ele e pronto, já querem fazer dele um rei: “O que mais você quer? Nós o reconhecemos, você multiplicou os pães; nós o reconhecemos, como se pode ver isso? Que queremos fazer de você um rei; reconhecemos a sua grandeza”. Mas Jesus não cede, é tão consciente de como somos feitos, de qual é o nosso projeto estrutural, de qual é o tecido do nosso ser, e, por outro lado, de qual é a sua natureza, a sua missão, que diz: “Não, não; isso – fazer-me rei – reduz o que eu sou e não lhes bastaria”, e amplia a medida, quase que chegando a nos escandalizar: “Se não beberdes o meu sangue e não comerdes a minha carne não podereis estar satisfeitos”. Jesus age alargando cada vez mais o desejo. Por quê? Por que não nos ama? É só por um olhar superficial que alguém pode dizer que não é amado por Ele. Na realidade, nos ama tanto que deseja nos plenificar cada vez mais. Essa insatisfação que permanece, em qualquer coisa ou relação, é o modo através do qual Ele nos diz: “Não sou Eu que estou faltando em você?”. Por isso sempre me impressionou uma frase que repeti muitas vezes, desde que a li num livro de Dom Giussani: em toda insatisfação deixada em nós por qualquer experiência do real, é como se o Mistério nos dissesse: “Sou Eu que falta em todas as coisas que você está degustando, sou Eu!”. E aqui, de novo, entra a liberdade. Posso dizer: “E daí?”, ou posso ceder à atração que sinto dentro de mim. É uma alternativa dramática porque é sempre livre: esse drama não está decidido, se repropõe sempre. É preciso amar-se verdadeiramente, ter uma afeição verdadeira por si, que não se contente com qualquer coisa menor do que o coração deseja, para estar disponível, sem se escandalizar com esse método que Deus usa para nos educar, para nos atrair cada vez mais, para nos plenificar sempre, para alargar constantemente o nosso coração e poder preenchê-lo mais, mais e mais. Não tem nada a ver com a imagem que temos de uma “felicidade burguesa”! Mas sobre isso voltaremos a falar mais adiante.

*Colocação:* Como é possível que somente o reconhecimento do meu coração inquieto seja sinal evidente da presença da resposta? Entendo que o meu coração inquieto é como uma porta aberta, mas não vejo como somente o reconhecimento disso já possa ser sinal evidente da presença da resposta.

*Carrón:* Posso lhe fazer uma pergunta? Se você intervém, deve estar aberto para o imprevisto. Você já namorou?

*Colocação:* Sim.

*Carrón:* E viveu alguma vez a experiência da saudade da pessoa amada?

*Colocação:* Sim.

*Carrón:* E essa saudade que você sentia dela, por que você sentia? Por que ela lhe fazia falta?

*Colocação:* Porque eu a tinha visto antes e depois ela me faltava.

*Carrón:* Ela lhe fazia falta; se ela estivesse presente, não lhe estaria fazendo falta. E essa falta é sinal de que você a tinha encontrado, ou não?

*Colocação:* Sim.

*Carrón:* Está claro?

*Colocação:* Sim, bastante.

*Carrón:* Muitas vezes é justamente isso que não entendemos: alguém tem saudade porque lhe falta alguém. Vocês perguntam: por que, se tenho o desejo, se tenho saudade, por que isso é sinal inequívoco de que existe o outro de quem sinto saudade? Justamente porque, do contrário, não teria saudade. Mas esse raciocínio, que aqui aplicamos tão claramente para a saudade da pessoa amada, porque sem tê-la encontrado não teria saudade, por que não o fazemos valer em relação ao desejo que sentimos dentro de nós? Mas o raciocínio vale igualmente, porque eu carrego esse desejo, essa espera, como diz Pavese, justamente pela promessa que contém. Por isso ontem à noite, retomando a frase de Pavese, insisti sobre a pergunta: por que espero? Se ninguém nos prometeu algo, por que esperar? Nós temos dificuldade de entender justamente isso: parece que esperar é uma coisa óbvia. No entanto, todos os gênios, como Pavese, reconhecem que nesse esperar há algo de misterioso, já há o sinal da resposta, e entendem que é preciso alguém que desperte em nós constantemente esse desejo. Nós não nos damos conta de que o fato de ter o desejo não é uma coisa óbvia. Por isso Ungaretti – nós o citamos ontem – dizia: mas por que eu, que estou sempre entre mortais e entre coisas mortais, que morrem, por que eu, que me encontro sempre entre coisas finitas, tenho esse desejo do infinito? “Por que anseio por Deus?”. A nós essas frases, que dizem que somos melhores do que qualquer outra criatura, com toda a carga poética que carregam, parecem perguntas vazias, porque para entender o alcance da pergunta é preciso a experiência da vida, é preciso ter entendido o que se viveu. Por que começo falando da saudade? Porque é a experiência que está ao alcance das suas mãos para entender o que dizem os poetas e que dissemos esta manhã de um outro modo. A experiência da saudade lhes permite entender: se lhes falta alguém, isso já é o sinal de que ela existe; já existe! Se não existisse, não haveria também a saudade. Imaginem que mudança de olhar se cada um, toda vez que estivesse triste, toda vez que está sozinho, toda vez que está insatisfeito, se comportasse como quando sente a saudade: não a toma, de fato, como pretexto para introduzir a dúvida sobre se a namorada existe, mas a reconhece como o apelo mais poderoso à memória daquela jovem, para o reconhecimento de que ela existe. Se para nós é o contrário, é porque nos falta uma familiaridade com o humano, com o tecido do humano, e então interpretamos tudo ao avesso. Isso torna a vida verdadeiramente pesada: alguém lhe dá um presente e você acha que está zombando de você; está fazendo um gesto positivo e você o toma como uma negação. É como se não conseguíssemos encontrar a chave para entender o real, para entender o que acontece na vida, e isso nos confunde. O fato de existir a pergunta já é sinal evidente de que há a resposta, porque do contrário não existiria nem a pergunta (a pergunta verdadeira, a pergunta que nos constitui): por que, estando sempre entre as coisas finitas, eu tenho desejo do infinito? Por quê? Se ninguém nos prometeu alguma coisa, por que esperamos? Por que, vivendo entre coisas mortais, eu anseio por Deus? Só quando começarmos a olhar essas frases sem considerá-las óbvias, convivendo com elas, abre-se a lacuna, começamos a entender e nos interessa entender. Imaginem se cada um de nós lesse toda realidade, toda experiência humana, segundo o que diz Dom Giussani: “Sou eu que estou faltando em cada coisa que você usufrui!” A falta que você sente é o sinal mais evidente de que Eu estou faltando – de que lhe falta a Presença para a qual você foi feito –. É como se a sua amada lhe dissesse: “Você não percebe que sou eu que lhe faço falta?”. E isso nós entendemos muito bem. Ao invés, quando se trata das experiências fundamentais da vida, nós ficamos confusos.

*Colocação:* Por que, para você, a espera se torna alegria? Para mim, ao invés, permanece sendo sempre inquietação. E depois a segunda pergunta que eu...

*Carrón:* Você entendeu o que eu disse até agora?

*Colocação:* Sim.

*Carrón:* Por que o que para vocês é apenas inquietação, para mim pode ser alegria? Porque se a pessoa começa a olhar a saudade... algumas vezes lhe agradaria – a você que ama o seu namorado – não sentir a saudade dele, gostaria de superar essa fase?

*Colocação:* Não.

*Carrón:* Não. Entende, então, por que é uma alegria ter saudade?

*Colocação:* Porém, é justamente no relacionamento com ele que eu vivo essa coisa mais dramaticamente, porque justamente com ele vem sempre à tona que eu sou necessidade de um Outro, e é dramático. Essa coisa me deixa inquieta.

*Carrón:* Justamente isso, isto é, o fato de vocês dois serem remetidos, no relacionamento entre vocês, ao Único que lhes pode realizar, torna dramática a vida. Por quê? Pelo que dizíamos antes, pela genialidade do Mistério de nos abrir e de dilatar o nosso coração, de escancarar o coração através de alguma coisa real, presente, concreta. E o que é que prende o nosso coração mais do que todo o resto, abrindo-o ao máximo? O relacionamento afetivo, porque as outras coisas podem lhe prender, mas não se agarram em todas as fibras do seu ser. E quanto mais agarra, mais escancara. Isso é altamente dramático, porque a gente pensa que o outro é que deveria realizar isso. Mas se o outro bastasse, então a vida teria terminado. De fato, o que seria a vida depois disso? Está em jogo aí a imagem que nós fazemos da nossa realização. Mas, justamente a partir do exemplo da saudade, nós somos chamados a tomar consciência de que quanto mais uma pessoa se agarra, quanto mais ele te agarra, tanto mais remete para outro lugar, justamente porque você foi feita para algo além, porque vocês dois foram feitos para uma grandeza que é infinitamente maior. Ao passo que, como escutamos hoje de manhã, quando um jovem diz à sua namorada que ela não é capaz de realizá-lo, diante disso é como se houvesse um desencorajamento: “Então, se não sou eu que te realizo...”. No entanto, esse é o momento mais crucial, porque você pode verdadeiramente tomar consciência de quem é a pessoa a quem você ama e quem é você. Isso é dramático, porque nós imaginamos que a relação afetiva seja o cume da nossa realização, ao passo que ela é grande porque nos abre. Até o Papa diz – na *Deus caritas est* – que é a coisa mais próxima do divino. Mas se você não entende que é relacionamento justo porque abre para alguma outra coisa, então o fato de você despertar todo o desejo no outro lhe parece uma injustiça, porque você despertou isso nele e depois não pode cumprir, melhor seria não acontecer isso porque eu só o torno mais infeliz. Ao invés, que você desperte e está certa de que existe um Outro que o realiza, essa é a felicidade. Você é decisiva para a pessoa a quem ama, porque o outro, só pelo fato de que você existe pode descobrir para que coisa ele é feito. Ao mesmo tempo, só pelo fato de que ele existe você pode descobrir para que é feita, isto é, que vocês dois caminham juntos para o Único que realiza a vida. É isto o que torna a vocação matrimonial estrada ao destino. Por que vale a pena casar, se não por isso? Do contrário seria um engano, seria algo que distrai; em vez de ser parte da estrada rumo ao destino se tornaria um obstáculo. Se se vive por aquilo que somos, a relação é o que mais remete para o destino, porque nada como a presença da pessoa amada remete para a realidade de que somos feitos. Se não entendemos isso, a relação se torna um túmulo, como infelizmente acontece tantas vezes na nossa cultura: tendo reduzido o outro a alguém que pode me realizar, quando na verdade não me realiza, e como muito depressa tomo consciência de que não me realiza, termino no túmulo; com frequência, então, chegamos logo ao túmulo, porque a nossa cultura já nos abriu a porta para ele, através do

divórcio. Mas, mais ou menos depressa, chegaremos todos ao sepulcro se não reconhecermos que o outro é sinal do Único que pode nos realizar; ele próprio não o é. Quando se buscam outras estradas para sair do sufoco, nada mais se faz do que reproduzir o mesmo mecanismo indefinidamente, até que, em vez de se casar, compra-se um cachorrinho, que não protesta, e assim o círculo se fecha.

*Colocação:* Esta manhã, você definiu a fé como o reconhecimento do divino presente. Ainda no terceiro ponto você identificou a comunidade cristã como o espaço, mas também o instrumento, para a comprovação da pretensão cristã. A minha pergunta é esta: quais são os sinais inconfundíveis da contemporaneidade de Cristo hoje?

*Carrón:* O sinal mais impressionante da contemporaneidade de Cristo é a experiência de uma impossível correspondência. Quando, esta manhã, lemos a carta da nossa amiga que dizia “Uma coisa que eu jamais vi”, o que parecia impossível aconteceu diante dos seus olhos. Vale para ela e para nós. Esse foi o sinal evidente da Sua presença. Como foi para a Samaritana, para Zaqueu, que se depararam com Jesus: no encontro com esse homem realizava-se uma inimaginável, jamais experimentada, correspondência com o coração. Deparar-se com a resposta às exigências do coração deveria ser a coisa mais normal; no entanto, como nunca tem nada que corresponda verdadeiramente, é uma coisa absolutamente excepcional. Assim, quando se viram diante daquele homem experimentaram uma correspondência de tal modo impossível de ser gerada por si que disseram: “É Ele, é Ele mesmo”. E de novo aqui o Mistério se dobra (se dobra!) à nossa experiência humana. Você, como reconhece que é ele ou que é ela a pessoa amada? Por aquele golpe único de correspondência, de uma certa correspondência, que encontra ao deparar-se com ele ou com ela. Dom Giussani nos diz que essa é a experiência do evangelho: eles O reconheceram porque Ele era o único que salvava todas as dimensões do humano; só o divino salva todas as dimensões do humano. Então, o sinal mais evidente, o traço mais inconfundível da contemporaneidade de Cristo é que eu experimento uma correspondência: me deparo com uma realidade através da qual faço uma experiência de correspondência às exigências do coração que me parecia impossível, uma realidade diferente – excepcional – justamente porque corresponde ao meu ser. Esse é o sinal mais irrefutável, o mais indiscutível de todos, porque é a coisa que nós nunca podemos criar; tanto é verdade que quando acontece é, sim, a coisa que mais desejávamos, mas é também a coisa mais imprevista, como diziam os discípulos: “Jamais vimos uma coisa igual, uma experiência assim não a tinha percebido. Um olhar assim – poderia dizer Mateus –, nunca vi antes; uma ternura assim, nunca antes”. Seria preciso ler o evangelho para ver, para surpreender em ação, em cada passagem, em cada narrativa, essa experiência. O cego de nascença levantou-se aquela manhã, como tantas outras, dizendo: “Nunca ninguém viu um cego de nascença enxergar”, e aconteceu com ele justamente o que parecia impossível. E essa correspondência – primeiro traço, primeiro sinal da contemporaneidade de Cristo – não acontece em meus pensamentos, mas ao se deparar – segundo traço – com uma realidade humana diferente, uma realidade humana externa a mim. E isso responde às nossas preocupações: “Mas a fé eu posso inventá-la?”. Tente fazer isso, experimente gerá-la através do seu pensamento! O cego não podia inventar; encontrou-se, deparou-se com Alguém que lhe doou a visão que não possuía. É o bater de frente com uma coisa diferente, não uma criação do meu pensamento. Tentem gerar um instante de alegria com o próprio pensamento, e vão entender que bobagem dizemos quando afirmamos que a fé somos nós que a geramos. Pensem quando começaram a namorar; pensem se são capazes de dar a vocês mesmos essa alegria, se são capazes de gerá-la através do seu pensamento ou da sua imaginação ou com a sua genialidade, por mais genial que seja. Por vocês mesmos nunca serão capazes de gerar um instante de alegria! Por isso, parem: só podemos continuar a dizer certas coisas por uma deslealdade com a experiência, porque a fé só acontece no confronto com uma humanidade diferente, externa a mim, não gerada por mim. Por isso o Papa diz: “A fé não é uma criação, é um reconhecimento”. E essa realidade, uma realidade humana, é inconfundível, é diferente; é feita de pessoas iguais às outras, mas diferentes de todas as outras. A nossa amiga encontra-se com colegas na universidade e diz: “Eles me impressionaram, havia neles algo de diferente”. Não eram marcianos os que ela encontrou na

universidade, não se vestiam de um modo especial; eram como os demais colegas, eram homens, mas ela captou que eram diferentes. E como nós temos o detector, o coração, para captar essa diversidade, logo percebeu a diversidade no modo como se relacionavam com ela. Essa diversidade é uma amizade, uma alegria, uma gratuidade impossíveis ao homem, tanto é verdade que nasce a pergunta: como é que eles são assim? Nós nos deparamos com uma diversidade humana que faz surgir a mesma pergunta de dois mil anos atrás agora, agora, não como lembrança do passado, não lendo o evangelho como uma coisa passada; não, agora, deparando-se com uma realidade humana diferente, a pessoa faz a mesma pergunta que os discípulos faziam a Jesus: “Por que você é assim? O que você faz para ser assim?”. Quantas vezes ouvimos essas perguntas, feitas por pessoas que viam como jogávamos, como passeávamos, como fazíamos silêncio ou como cantávamos, isto é, se deparavam conosco enquanto fazíamos coisas simples, humanas, porque nós não precisamos de outra coisa para mostrar essa diversidade. Como diz Dom Giussani: não precisamos de outra coisa do que comer, beber, viver e morrer, porque no modo como comemos mostra-se a diversidade, no modo como cantamos demonstra-se a diversidade, no modo como somos amigos se vê a diversidade, não precisamos de outra coisa. Coisas humaníssimas, mas que carregam dentro de si os sinais inconfundíveis de um Outro, que não escapam de quem tem o coração simples.

*Colocação:* Hoje você disse: “O sentido da vida chega a nós no seio de uma companhia humana, fisicamente perceptível”. Mas como fazer a passagem de reconhecer uma companhia excepcional para o fato de que ela é Cristo para nós? E uma carta dizia: “A promessa existe, são os seus rostos”; eu me pergunto: se são pessoas como eu, elas também não podem responder à minha exigência de realização.

*Carrón:* Escutemos a mesma pergunta de outro modo.

*Colocação:* Muitas vezes na comunidade vejo como centro da amizade a boa convivência e não Cristo; mas o primeiro modo chateia; como retornar com meus amigos ao ponto central?

*Carrón:* Começemos pela primeira. Como fazer a passagem de uma companhia excepcional para o fato de que nela existe Cristo? Acredito que o que dissemos na resposta anterior ajuda a entender por que a comunidade cristã é o sinal da Sua contemporaneidade. Porque essa diversidade, o reconhecimento dessa diversidade numa realidade humana como as outras, levanta a pergunta: “Mas como vocês são assim? De onde nasce essa diversidade?”, que é a mesma pergunta que faziam os que encontravam Jesus: “Mas não é esse o filho do carpinteiro? Como pode fazer essas coisas?”. Como é que, sendo igual aos outros, acontecem essas coisas? Então, o ponto de partida para responder a essa pergunta é olhar lá, olhar, olhar, olhar. Dom Giussani nos ajuda nisso: “Em nossa experiência [existe] alguma coisa que a supera: imprevisível, misteriosa, mas dentro da nossa experiência<sup>49</sup>”. Então, olhando essa experiência, dentro dessa experiência, nós captamos algo de real, misterioso, que desperta a pergunta, que desafia a nossa razão: nós somos chamados a explicar a diversidade que captamos em nossa experiência, do contrário a censuramos: “A fé é uma forma de conhecimento que vai além do limite da razão. Por que além do limite da razão? Porque capta uma coisa que a razão não pode captar: ‘a presença de Cristo entre nós’, ‘Cristo está aqui e agora’, a razão não pode percebê-lo como percebe que você está aqui [...], [que está aqui este copo d’água]. Porém, não posso deixar de admitir que existe. Por quê? Porque existe um fator aqui dentro, há um fator que avalia essa companhia, certos resultados dessa companhia, certas ressonâncias nessa companhia, tão surpreendentes que se não afirmo a existência de algo diferente [se não reconheço alguma coisa diferente] não explico a experiência, porque a razão é afirmar a realidade experimentável segundo todos os fatores que a compõem, todos os fatores. Pode haver um fator que a compõe do qual se sente o eco, do qual se sente o fruto, do qual se vê também a consequência, mas que não se consegue ver diretamente; se eu digo: [como não o vejo] “Então não existe”, erro,

---

<sup>49</sup> L. Giussani, *É possível viver assim?*, Ed. Companhia. Ilimitada, São Paulo 2007, p.271.

porque [para dizer que não existe] elimino alguma coisa da experiência, [e isso] não é mais racional<sup>50</sup>. É um tipo de conhecimento que está em jogo em muitas ocasiões da vida. Você vê certos resultados, certos sinais do relacionamento que sua mãe tem com você e que não tem com outras pessoas: se você não dá as razões deles, não se pergunta por que existem, o que significam esses gestos, esses sinais, se diante de alguém que lhe diz “Esses sinais existem porque sua mãe te ama”, você replica: “Mas isso não estou vendo, pois vejo somente os sinais”, você está sendo irracional. Os sinais, de fato, testemunham alguma coisa diferente, tanto é verdade que a pessoa que não te ama não os realiza, não mostra determinada atitude em relação a você, não faz certas coisas para você. Você precisa cancelar da sua experiência certas coisas para não aceitar que ali dentro exista alguma coisa diferente, que você precisa reconhecer, que é o amor da sua mãe; não está sendo racional ao dizer que não o vê, que vê apenas os sinais. Assim nós vemos os sinais de um certo modo para dizer que não o vê, que vê só os sinais. Assim nós vemos os sinais de um certo modo da nossa companhia: uma certa amizade, uma certa diversidade. E é justamente essa diversidade que grita por um Outro. Tentem achar uma outra razão adequada que não seja Cristo. Jesus desafiava os discípulos: “E para vocês, quem sou eu?”, desafiava a razão deles. E o que tinham ao alcance das mãos para responder a essa pergunta? A experiência mais semelhante era a dos profetas, porém logo diziam: “Mas este aqui é mais do que um profeta”. E não conseguiam explicar de maneira adequada aquela diversidade. E quando Jesus disse-lhes (todos vocês leram na Escola de Comunidade a história do rei de Portugal)<sup>51</sup>: “Sou eu, sou eu o Mistério que vocês esperam”, “Ah!”, isso explicava todos os sinais que haviam visto melhor do que qualquer outra resposta. Mas é uma oferta – de novo – à nossa razão e à nossa liberdade. Vejam se encontram uma explicação mais adequada para essa diversidade que surpreendem entre vocês, uma explicação que não seja dizer que essa diversidade, que esses sinais, que tornam diferente a companhia de vocês, são a documentação mais evidente da contemporaneidade de Cristo, pois para nós é impossível gerá-los. Vejam se aquilo que o povo pode descobrir em nós e que leva os outros a fazer-nos a pergunta “Mas quem são vocês?” depende só do fato de que nós somos mais geniais ou mais coerentes ou mais legais do que os outros. Tentem. É evidente que todos os nossos limites juntos não produzem o efeito que maravilha os outros: a única razão adequada para explicar isso é Cristo, é Ele que torna possível todas essas coisas entre nós, que nos torna capazes de uma amizade diferente, que nos torna capazes de cantar de um jeito diferente, que nos torna capazes de viver diversamente o estudo, segundo a diversidade que Ele introduziu na história. E quando vemos isso e O reconhecemos, entendemos que existe um modo de viver entre nós que nos ajuda a reconhecer Cristo. Dizia a segunda pergunta: “Mas às vezes nós reduzimos essa amizade a boa convivência, ao invés de reconhecer Cristo”. Eu lhes pergunto: quando nos contentamos em ter boa convivência, a nós não está faltando alguma coisa? Qual é o primeiro sinal de que estamos satisfeitos em conviver bem? Você mesmo o disse: “Chateia”. Parece nada, mas é o sinal de que nos esquecemos d’Ele. Sem reconhecer Cristo, nos chateamos, como no relacionamento com o namorado ou com a namorada, segundo o que vocês mesmos disseram: “Você também não me basta”. Por que vocês se chateiam, se Cristo é tão abstrato? Se é uma coisa tão abstrata, como sempre me dizem, por que se chateiam quando Ele é tirado e vocês se limitam a conviver bem? O primeiro sinal de que nós eliminamos Cristo do nosso relacionamento com o namorado ou com a namorada é justamente o fato de que nos chateamos. Por isso, assim como existem os traços inconfundíveis da Sua presença, há também sinais inconfundíveis da Sua ausência; é preciso fixar bem isso na mente. Não é um nominalismo a Sua presença ou a Sua ausência: nós confirmamos isso na experiência! Quando O reconhecemos, não estamos inventando isso: é o reconhecimento de alguma coisa que está presente; e quando não O captamos, não é porque Ele não existe. E o primeiro sinal da eliminação de Cristo é que tudo nos chateia: convivemos bem, não é que o jantar correu mal, não é que não estávamos todos ali, mas sim que ficamos chateados! Ao passo que o mesmo jantar, uma outra vez, estava pleno de uma presença tal que voltamos para casa comovidos. Claro que O reconhecemos! Nada

---

<sup>50</sup> *Ibidem*, p. 272.

<sup>51</sup> Cf. L. Giussani, *Na origem da pretensão cristã*, op. cit., pp. 87-89.



disso é abstrato, jovens! Vocês me perguntam: “Como retornar ao ponto central?”. Digam-me, antes de tudo: por que deveriam retornar ao ponto central? Se lhes falta algo, retornem; se não lhes falta, por que deveríamos colocar o problema? Tateiem em meio ao tédio. Por que precisamos criar problemas com Cristo e com a fé se estamos muito bem sem Ele? Se voltamos para Ele é porque sem Ele nos chateamos, entendem? O que vocês consideram abstrato – Cristo – é tão concreto que quando não está presente, nós nos chateamos; e quando está, nos torna de tal modo alegres que aumenta o desejo. Falta-nos alguma coisa quando Ele não está? Falta-nos alguma coisa quando nos contentamos em conviver bem? É ou não é Ele que está faltando? Este é, muitas vezes, o ponto. Por isso o nosso pecado não está só nas coisas que fazemos errado, os nossos erros não seriam nada: o problema é que não sentimos a falta de Cristo.

*Colocação:* Na palestra desta manhã, você me descreveu completamente, sobretudo nos últimos seis meses...

*Carrón:* Ninguém me contou nada!

*Colocação:* ... até que você citou o Papa respondendo à pergunta: mas esse desejo, no fundo, é um engano ou não? E o Papa dizia: “O infinito assumiu uma forma finita”. Nesse ponto fiquei enraivecida, porque não tenho exemplos disso.

*Carrón:* Em vez de ficarmos alegres, ficamos com raiva ao receber boas notícias. Alguém nos dá um presente e nós ficamos enraivecidos...

*Colocação:* E fiquei com mais raiva ainda quando você disse que Jesus não só promete, mas realiza, porque se penso em mim, digo: acontecem coisas grandes, mas eu estou sempre triste e então digo a mim mesma: o que significa que Cristo me realiza hoje?

*Carrón:* O que quer dizer “realizar”? A confusão que muitas vezes nós carregamos é esta: para nós, realização quer dizer anulação do desejo, não desejar mais; de fato, se eu não desejasse não ficaria triste, porque a tristeza – dizia São Tomás de Aquino – é a percepção de um bem ausente. Por isso fico triste, porque me falta alguma coisa. Então, como imaginamos a realização? Como um estado em que não nos falta nada. Esse seria, para nós, o “top” da realização, uma espécie de realização “budista” (usando em sentido *lato* a expressão): anular o desejo. Por outro lado, há também a “realização burguesa”: eu me encho de tantas coisas a ponto de não desejar mais nada. Imagine que você chegasse a esse ponto, de não desejar mais nada, o que seria a vida? Um tédio sem fim. Por isso Dom Giussani diz uma coisa muito bonita sobre a realização final: “Não é como alguém ter sede e ir beber, e depois de ter bebido não tem mais sede [essa é a nossa imagem: bebo, assim não tenho mais sede]; é mais como alguém que tem sede e enfia o rosto na água da fonte e bebe, e quanto mais bebe, mais sede sente; onde beber significa satisfazer continuamente uma sede contínua<sup>52</sup>”. Você ficaria satisfeita de não sentir mais saudade do seu namorado? Ou não ter mais sede? É isso que deseja? Seria o fim do seu amor. No dia em que não sentir mais “sede” do seu namorado significa que ele não lhe interessa mais. Muitas vezes pensamos a realização como a anulação do desejo: não sentir mais necessidade, saudade, tristeza. Mas isso não seria humano. O que você quer é desejar cada vez mais o seu namorado, vê-lo cada vez mais e que a presença dele sempre preencha a sua sede, despertando-a constantemente. É isso que você deseja, não que não exista mais sede. Se não entendemos isso, deixamos subsistir uma imagem da realização como anulação do desejo. Por isso Dom Giussani descreve o Paraíso como: a satisfação contínua de uma sede contínua. Se não fosse assim, o que seria? Um tédio infinito. Imagine toda a eternidade sem desejar nada... É terrível só de pensar. Ainda bem que não é como nós pensamos. Ao invés, que eu esteja diante da Sua presença e que deseje cada vez mais estar diante dela, esse é o Paraíso: quanto

---

<sup>52</sup> Cf. L. Giussani, *Acontecimento de liberdae. Conversas com universitários*, Ed. Diel, Lisboa 2004, p. 25.

mais estou em relação com Cristo, mais é despertada em mim a saudade d'Ele e o desejo de estar com Ele! A Sua presença desperta constantemente em mim a sede. Sem isso, seria o tédio infinito. É isso que Cristo introduziu. Cristo não veio para cancelar o drama, de modo que você, a um certo ponto, não tenha mais necessidade da relação com Ele. Cristo veio para exaltar o drama. É como com o seu namorado. De fato, desde que você começou a namorar exaltou-se o drama: você era mais tranquila antes de namorar, sim ou não? Então prefere não namorar? É isso que prefere? É por isso que sentiu raiva esta manhã? Agora, se falamos do namorado, você encontra um exemplo na sua vida que lhe faz entender o que não a convencia esta manhã: a realização que nós verdadeiramente desejamos é o contrário do que estava implicado na sua reação esta manhã, que foi – podemos dizer – “intelectual”, fruto de um modo de usar a razão separada da sua experiência, porque na sua experiência acontece o contrário do que você disse a si mesma. Se para entender as coisas não partirmos da própria experiência, vão errar, vão complicar a vida e começar a ficar..., como você dizia?

*Colocação:* Enraivecida.

*Carrón:* Enraivecidos. Não precisam ficar com raiva! Não precisam sentir raiva d'Aquele que veio nos salvar! Por isso é importantíssimo que nós, como sempre nos ensinou Dom Giussani, comecemos a falar das coisas a partir da experiência, não a partir das nossas imagens, daquilo que seria aparentemente lógico, segundo um certo modo de pensar – que é o contrário do que diz a experiência –: a realidade se torna transparente na experiência, é na experiência que aprendemos o que é a realidade, não nos próprios pensamentos. Mas nós, como estamos separados da experiência, comecemos a ficar com raiva. Cristo veio exaltar o drama, não encerrá-lo. A “criatura nova” é uma exaltação da razão e da afeição, não a anulação nem de uma nem da outra: se fosse uma anulação, Cristo não nos salvaria, mas nos enterraria; não seria a realização, mas o túmulo.

*Colocação:* Como é possível nos olharmos com ternura? Frente ao meu pecado, na primeira vez digo: “Não devo desanimar”; na segunda, “É o meu limite, não deve me espantar”; na terceira, “Não fui bem-feita”. E quando me dou conta de que Cristo está presente termino dizendo: “Tu és muito bom comigo, eu porém continuo a pecar”, e estou sempre no ponto de partida...

*Carrón:* É como se você dissesse a Jesus: “Você é muito bom comigo, mas é um pouco inexperiente, não me compreende bem, porque eu sou mal-feita”. É como se na relação entre Cristo e você tivesse acontecido um descuido.

*Colocação:* O fato é que me pergunto...

*Carrón:* Em suma, Jesus seria bom, mas inexperiente.

*Colocação:* Não, porém... bem, em parte sim, porque me pergunto a essa altura: por que me escolheu? Que desígnio tem em relação a mim? Porque eu continuo sempre ali, continuo a pecar, não consigo e, então, volto a dizer a mim mesma: como é possível amar-se, como a caminhada não se torna uma ânsia de perfeição e a intuição se torna consistência?

*Carrón:* Obrigado por essa pergunta, porque nos ajuda a entender também outras coisas decisivas. Como dizíamos antes, nós identificamos a realização com a anulação do desejo, concebemos a felicidade com o não ter limites; e quando Jesus não cancela de imediato os nossos limites, temos um *tilt*, pensamos que Ele é bom, misericordioso, mas no fundo não entende que “fomos mal-feitos”. Nós pensamos que ser cristão significa não pecar mais, não errar mais. Claro, Jesus quer chegar a isso, mas fazendo um caminho, seguindo um desígnio que não é o nosso. Por isso Cristo não se assustava e nem se admirava pelas tantas vezes que Pedro (para dar um exemplo) não entendia, que errava. Poderia tê-lo mandado embora. Mas por que escolher gente que não

entende e que continua a errar? Jesus era um pouco “inexperiente”, e por isso escolheu pobres homens como Pedro, ou tinha uma imagem do que Ele queria fazer com eles diferente da imagem que nós temos? Escolheu você assim, cheia de limites, como escolheu a mim, cheio de limites – o que não significa que fomos mal-feitos –, porque quer nos introduzir numa experiência diferente. Qual é o primeiro sinal de que, para Ele, o fato de errarmos não é tão decisivo como pensamos? O fato de continuar a nos dar a vida. Essa é a primeira dica de que Ele considera você melhor do que o seu pecado leva a pensar. Como faz com Pedro: não lhe diz que fez bem; não, o corrige, o repreende, lhe diz toda a verdade, mas continua a ser seu amigo. E assim cria um relacionamento com Pedro que logo o desloca. Leiamos como Dom Giussani descreve o diálogo com Pedro, depois que este cometeu um grande erro: renegou-O diante de todos na véspera da Paixão. Encontra Pedro depois da ressurreição, à beira do lago. Estavam pescando e veem alguém na margem. E João diz: “É o Senhor”. Pedro poderia pensar: “Não! Agora eu me escondo, não quero aparecer”; ao contrário, Pedro logo se joga na água para chegar primeiro. Depois vêm os outros. Imaginem o que Simão terá pensado. “Simão, cujos muitos erros tinham feito dele o mais humilde de todos, deitado também ele diante do alimento preparado pelo Mestre, olha quem está ao seu lado e com admiração e tremor vê que é Jesus. Então, desvia o olhar d’Ele e fica assim, travado. Mas Jesus fala com ele. Pedro pensa em seu coração: ‘Meu Deus, [...] quanta reprovação eu mereço! Agora Ele vai me dizer *Por que me traíste?* A traição foi o último grande erro [de Pedro], mas toda a sua vida, mesmo na familiaridade com o Mestre, foi atribulada, por causa de seu caráter impetuoso, da sua imponência instintiva, do seu lançar-se à frente sem pensar muito. Tudo de si ele via à luz dos seus defeitos [como você: quando vê o seu último erro, é como se voltasse o filme da vida com a sequência de todos os erros cometidos]. Aquela traição fizera emergir nele com clareza o resto dos seus erros, como se ele não valesse nada, o quanto era fraco, fraco de dar dó [como você e como eu: fracos de dar dó]. ‘Simão...’ – que emoção enquanto essa palavra feria seu ouvido, tocando-lhe o coração – ‘Simão [...], Tu me amas?’. Quem jamais poderia esperar essa pergunta? Quem poderia esperar essa palavra? [...] ‘Simão, Tu me amas?’. ‘Sim, Senhor, eu Te amo’. Como conseguia dizer isso, depois de tudo o que havia feito? Esse *sim* era a afirmação do reconhecimento de uma excelência suprema, de uma excelência inegável, de uma simpatia que superava todas as outras. Tudo estava inscrito naquele olhar; coerência e incoerência era como se tivessem passado para um segundo plano, depois da fidelidade que sentia como carne da sua carne, depois da forma de vida que aquele encontro havia plasmado”. “Sim, eu te amo”. Quando diz isso, o que Simão está dizendo? Ouçam como Dom Giussani o expressa: “Para Ti, Cristo, é toda a minha preferência humana, toda a preferência do meu espírito, toda a preferência do meu coração [é para ti, Cristo]. Tu és a extrema preferência da vida, a excelência suprema das coisas. Eu não sei, não sei como, não sei nem mesmo como dizê-lo e não sei como seja, mas apesar de tudo o que fiz, apesar do que ainda posso fazer, eu Te amo<sup>53</sup>”, isto é, toda a minha simpatia humana é para Ti, Cristo. A verdadeira questão é se esse relacionamento prevalece sobre todas as minhas simpatias humanas, mesmo dentro do meu erro, é para Ti, ó Cristo. Se prevalecer isso, caríssima amiga, se na sua vida devagarzinho prevalecer isso, mesmo com todos os nossos limites, a nossa caminhada será plena de ternura e de misericórdia; um caminho em que a afeição a Jesus atravessa todo o nosso erro, o nosso mal, a nossa humanidade, e todas as fibras do nosso ser se apegam a Jesus. Então você começará a entender que foi bem-feita, mas que para se realizar é preciso um caminho, ao longo do qual Jesus não se assusta com os seus erros. Se você quiser ser amada, como Pedro foi amado, então ganha terreno a Sua atração e a simpatia humana por Ele.

*Colocação:* Em relação à carta da moça que, falando do relacionamento com o seu namorado, chegou à conclusão de que ele não é seu, mas de um Outro, comparando isso com a minha experiência, não entendo o meu papel; no momento em que tomo consciência de que o amigo ou o namorado não é meu, o que eu sou para ele?

---

<sup>53</sup> L. Giussani – S. Alberto – J. Prades, *Generare tracce nella storia del mondo*, Rizzoli, Milão 1998, pp. 82-84.

*Carrón:* Muito bem! Veja, ou nós somos tudo para o outro, e assim nós dois nos preparamos para o desastre, ou, então, no dia em que tomarmos consciência de que nós não somos tudo, porque o destino do outro é maior, não saberemos mais qual é o nosso papel nessa relação. Quando eu dizia àqueles que queriam se casar “Mas você não está pensando que vai fazê-la feliz!”, me respondiam: “Então, por que vamos casar?”. E eu: “É uma bela pergunta, é melhor que você a faça o quanto antes!”. Qual é o nosso papel? Não somos um a realização do outro, mas uma companhia para o destino, e o destino dos dois é Cristo. O seu papel é despertar no outro todo o seu desejo, todo o desejo do infinito, o desejo de Cristo, e o papel do outro é despertar o mesmo desejo em você. Então você ama essa pessoa porque foi ela que o Mistério lhe deu para despertar em você, e vice-versa, todo o desejo e toda a saudade de Jesus. E esse é um papel decisivo. Você é aquela que mais o remete além, que mais desperta nele o desejo do infinito, mas, ao mesmo tempo, você não o pode realizar, e deveria chorar no dia em que tomasse consciência de que não o pode realizar. Ao invés, tendo encontrado Jesus, nós sabemos por que é que nos encontramos: para nos ajudar um ao outro a caminhar para o Único que realiza: Cristo. Esse é o nosso papel: tornar-se uma companhia verdadeira rumo ao destino. E isso resolveria muito do nervosismo e da violência entre vocês, justamente porque o outro não pode ser aquele que realiza a nossa vida: o desejo de que somos feitos é muito maior do que o outro pode realizar. Portanto, descobrir o nosso papel é fundamental para entender por que se casar, porque o Mistério nos deu o outro, esse outro tão decisivo para caminhar rumo ao destino.

## Síntese – Julián Carrón

9 de dezembro, manhã

*Julián Carrón:* “Enquanto caminho sob o céu me admiro que Jesus tenha morrido por uma gente esfomeada, como eu e como você<sup>54</sup>”. “Deus é o início sempre”, nos disse o Papa no Sínodo. “Só a precedência de Deus torna possível o nosso caminhar [a estrada]. A iniciativa verdadeira, a atividade verdadeira, vem de Deus e só nos inserindo nessa iniciativa divina, só implorando essa iniciativa divina, é que podemos também tornarmo-nos – com Ele e n’Ele – evangelizadores [criaturas novas]. Deus é o início sempre<sup>55</sup>”. E só quem se deixa agarrar por Deus, que se tornou próximo em Cristo, pode responder aos desafios que temos diante de nós. O que agora queremos olhar juntos é o caminho para tentar nos inserir nessa iniciativa de Deus.

Na carta após o Sínodo recordei uma frase de Dom Giussani que fala justamente dessa iniciativa de Deus: “O Movimento nasceu de uma presença que se impunha e trazia para a vida a provocação de uma promessa a ser seguida”. Essa presença que se impõe será sempre o início, como vocês próprios testemunham. “Neste último período estou vivendo de um modo que até pouco tempo atrás pensava ser impossível para mim. Tão logo cheguei à universidade, conheci jovens do CLU e logo me encantei. Eu me impressionava pelo modo como estavam juntos, o empenho no estudo e na universidade. Eu via como era bonito viver assim. E então comecei a desejar ser como eles. Descobri que não é uma questão de capacidade, aquele jeito de viver e de fazer não aprendi através de uma aula, mas seguindo-os aprendi a não desejar menos do que na realidade desejo e perceber quando não é assim [uma presença que se impõe move o nosso desejo, por uma promessa]”. Uma outra dentre vocês escreve: “Alguns fatos que ocorrem comigo todo dia têm exatamente a mesma dimensão daquele primeiro encontro com o Movimento [e cita...:] ‘trazem para a vida a provocação de uma promessa a seguir’, como você dizia na carta. Prometem a vida, a verdadeira vida. É por essa conveniência que desejo seguir tais pessoas”. É a mesma coisa que aconteceu nestes dias, como dizia Nick, ontem, durante o jantar e que levou muitos de vocês a seguirem a experiência.

*Nick:* “Ontem fiquei muito impressionado com a assembleia e enquanto saía eu dizia a mim mesmo: entendi de novo por que sou do Movimento, por que estou aqui e por que quero estar aqui; enquanto você falava, e respondendo às perguntas narrava como Jesus desafiava os seus discípulos e o povo que encontrava, eu disse para mim mesmo: está aí, agora, neste instante, estamos assistindo a mesma coisa, isto é, estamos diante do mesmo espetáculo. E se olho para todos estes anos – como penso seja para muitos de nós – não posso deixar de dizer que aquele olhar revelador do humano eu o vi, nós o vimos, que aquela impossível correspondência é uma experiência que fiz, que ser desafiado assim, como Jesus desafiava os seus discípulos, até me encontrar frente a alguém que ama mais a minha liberdade que a minha adesão formal, isso eu vi, nós vimos. Por isso, saí da assembleia grato como nunca por essa história e tendo diante dos olhos essa evidência: que é mesmo verdade o que você diz, isto é, que a distância de todos estes anos de história que nos separam daquele fato é anulada pelo re-acontecer agora da mesma coisa; e quando acontece, a pessoa sabe”.

*Carrón:* Sabe porque corresponde, ninguém precisa explicar. É “um fato de vida”, diz Dom Giussani, um fato de vida que nos agarra hoje. E justamente porque é um fato de vida, é impossível permanecer indiferente, como diz um outro dentre vocês: “Neste período aconteceram muitas coisas, das mais belas e imediatas de entender e aceitar àquelas difíceis e menos imediatas. Dentro de tudo isso, porém, aquilo que estou percebendo é que para mim é impossível permanecer indiferente a uma plenitude de vida que, dentro de um trabalho cotidiano, nasce em tudo o que

<sup>54</sup> “I Wonder”, in *Canti*, op. cit., p. 283.

<sup>55</sup> Bento XVI, *Meditação durante a primeira Congregação Geral da XIII Assembleia Geral Ordinária do Sínodo dos Bispos*, 8 de outubro de 2012.

acontece e que tem como ponto de origem o grito do meu coração. O fato cada vez mais evidente é que esse grito se realiza em cada instante na relação com Cristo e se expressa dentro do seguimento, na companhia do Movimento”. É decisivo tomar consciência disso. Dom Giussani é tão nosso amigo que nos diz para estarmos atentos, porque frente ao que foi na origem – uma presença que se impunha e trazia à vida a provocação de uma promessa a seguir, tanto que alguém desejou aquela plenitude, não quis permanecer indiferente – corremos o risco de mudar o método. “Mas depois – diz Dom Giussani – confiamos a continuidade desse início aos discursos e às iniciativas, às reuniões e coisas a fazer. Não confiamos à nossa vida; de forma que o início, muito cedo, deixou de ser verdade oferecida à nossa pessoa e se tornou motivo para uma associação, para uma realidade na qual descarregar a responsabilidade do próprio trabalho e da qual pretender a resolução das coisas. Aquilo que deveria ser o acolhimento de uma provocação, portanto um seguir cheio de vida, transformou-se em obediência à organização<sup>56</sup>”. Como escreve uma de vocês, essa tentação está sempre à espreita: “Depois da carta que você escreveu no [jornal] *Repubblica*, me vi obrigada a julgar desde o início toda a experiência que vivi nestes anos de CLU. Foi muito doloroso reconhecer que muitíssimas vezes reduzi o encontro que fiz a um conjunto de iniciativas, ainda que belíssimas, e coisas a fazer ou dizer, nas quais, porém, no fundo, faltava eu própria” [descarregamos a nossa responsabilidade sobre uma organização, da qual se espera a resolução das coisas: “Faltava eu própria”]. “De fato, tive que constatar que me estava bastando o juízo de uma outra pessoa. Quando percebi isso, primeiramente experimentei uma grande raiva e, depois, uma enorme dor. E a única razão pela qual pude olhar no profundo do meu coração e não cair foi o reconhecer que, apesar de tudo, eu estou aqui e sou amada. E esse juízo trouxe uma libertação impensável, que teve como consequência uma disponibilidade e um desejo de rever tudo, procurando entender o que era para mim, tentando não permanecer ligada a todos os meus esquemas e a uma posição defensiva, e se tornou um trabalho verdadeiramente agradável, ainda que muito difícil, no qual lentamente estou recuperando e descobrindo a mim mesma” [lhes interessa isso? Do contrário, procurem alguma outra associação, há muitas delas no mundo, onde vocês pagam a inscrição e passam a pertencer a um clube]. “Tudo isso seria impossível para mim sem o seguimento do Movimento, de você e de todos aqueles que me foram dados para seguir na vida cotidiana”. A tentação de reduzir tudo a um mecanismo está sempre à espreita, como diz uma outra carta; são todas um testemunho de como podemos ficar bloqueados um instante após o início; não é que não tenha acontecido nada, do contrário não estaríamos aqui falando, escutando, mas a tentação de reduzir é contínua: mas a respeito do “mas depois...” que muda o método é fundamental ter ideias claras para nos ajudar a não perder o encanto, o frescor do início. “Em setembro, comecei o curso de especialização numa outra universidade. A chegada e o impacto com uma realidade muito diferente e muitas outras dificuldades fizeram surgir em mim o medo de não conseguir. Não sei explicar direito como. A um certo ponto, é como se tivesse pescado um mecanismo de sobrevivência: ‘Preciso me concentrar em mim mesma, procurar me administrar’, mas me vi cada vez mais sozinha. No momento em que decidi fazer por minha conta, perdi a mim própria, porque perdi a verdade de mim” [Num certo momento, a gente pensa que pode conseguir sozinho: já entendi, tenho nas mãos o que aprendi, não preciso seguir ninguém, posso me administrar, e então “perdi a verdade de mim”]. “Depois o reencontro com uma amiga me levou a entender outra vez que Cristo se dobrava novamente sobre mim e me chamava pelo nome, não me deixando sozinha com minha inconsistência e minha dor. Naquele dia compreendi, de fato, depois de anos de vida no Movimento, o que é realmente o Movimento”. O Movimento não é uma associação, não é uma organização, não é um clube, chama-se “Igreja”: é o lugar onde Cristo permanece presente para continuar a nos salvar. E se nós não entendemos isso, não temos razão adequada para estar aqui. Logo – muito depressa! – vemos o que acontece quando achamos que podemos conseguir sozinhos, como se o Movimento fosse válido apenas para adolescentes, que depois de crescidos podemos dispensá-lo; tudo bem, mas só para uma certa fase da vida. Assim imaginaram a Igreja os racionalistas: ela contribuiu para a educação da humanidade, a qual, tendo chegado à idade adulta, não precisa mais dela. Hoje vemos aonde fomos

---

<sup>56</sup> L. Giussani, *Educar é um risco*, Edusc, Bauru 2004, p. 98.

terminar. Essa tentação está sempre à espreita, como vemos entre nós, é a tentação de nossa autonomia. Mas eu, por que preciso depender? Somos tão pobrezinhos que precisamos de um outro para sermos nós mesmos; portanto, o pertencer é para não perder a si próprio. Nós dependemos. Continua a carta: “Este é o lugar onde normalmente sou chamada pelo nome. Então, seguir começa a ser entendido em sua verdadeira profundidade, não é uma escravidão, não tira nada de nós, não é o pedágio a pagar à associação, é – como diz Dom Giussani – um continuar seguindo vivo que me restitui a mim própria e a minha vida. Por isso, o meu único desejo neste momento é ter sempre a lealdade de seguir”.

Dom Giussani – que graça recebemos! – nos ajuda a entender o que é verdadeiramente o seguimento. De fato, muitas pessoas, mesmo aquelas que reduzem o Movimento a iniciativas, a uma organização, a um mecanismo, podem usar a palavra “seguir”, dizer “Eu estou seguindo” justo no momento em que estão fazendo o que Dom Giussani nos adverte para não fazermos: “Mas depois confiamos a continuidade [...] a iniciativas [...] e às coisas a fazer”. Mesmo que dissessem “Estou seguindo”, Giussani diz “Não!”. E por que Giussani tem razão? O que Giussani diz é verdade não porque foi ele quem disse – pois assim o estaríamos tratando como um guru – mas porque esse seguir reduzido não corresponde às exigências do coração, nós constatamos que alguma coisa se interrompe em nós, que nos perdemos pela estrada. Nós temos na nossa experiência a confirmação da verdade do que nos diz Dom Giussani.

Portanto, devemos ir embora daqui com uma clareza maior ainda do que seja o seguimento. Retomei isso na carta depois do Sínodo: “Seguir é desejar reviver *a experiência* da pessoa que o provocou e que o provoca com a sua presença na vida da comunidade; é desejar participar da vida daquela pessoa através da qual foi levado até você algo de Outro, e é a esse Outro que você é devoto, é a Ele que você aspira, a Ele você quer aderir, dentro deste caminho<sup>57</sup>”. Dom Giussani nos deixou essa descrição do que é o seguimento para que nós possamos fazer a comparação com o que vivemos todo dia. De fato, nós podemos dar o nome de seguimento a muitas coisas que não o são, que são reduções dele. Com frequência pensamos que seguimos porque repetimos o discurso correto, o que aprendemos; mas se nós fizermos a comparação, logo veremos a diferença: Dom Giussani não diz que seguir é repetir o já sabido, e sim reviver a experiência da pessoa que nos impressionou. Trata-se de reviver uma experiência e não de repetir um discurso, ainda que correto. É muito diferente! Seguir também não é apenas participar de certas iniciativas, ainda que justas, mas – justamente – reviver a experiência daquele que nos impressionou. Seguir não é apegar-se sentimentalmente e personalisticamente a alguém, ao chefe de plantão, porque você pode se apegar a ele e não fazer a experiência dele. Seguir é reviver a experiência da pessoa que o provocou, que é o que nós desejamos desde o início; a gente encontra alguma coisa e diz: “Comecei a desejar ser como eles, participar daquela experiência”. Giussani expressa o que nós desejamos, ele é alguém que adere mais do que ninguém ao que acontece com todos, é leal com o que emerge em nós, não se afasta da realidade. O que quer dizer participar da experiência do outro? O que quer dizer experiência do outro não reduzida? Vejam como Giussani responde: “É desejar participar da vida daquela pessoa através da qual foi levado até você algo de Outro<sup>58</sup>”. Se não chegarmos a esse Outro, se ficarmos apegados à pessoa sem segui-la até esse Outro, nós não faremos a experiência daquele que nos impressionou. De fato, ele nos impressionou não porque seja necessariamente um gênio, não porque é legal, não porque seja particularmente inteligente, mas por causa desse Outro, porque traz esse Outro para a nossa vida. O que impressiona os outros quando nos veem é esse Outro que carregamos na fragilidade dos nossos rostos. E se não entrarmos em relação com esse Outro, não faremos a mesma experiência, não estaremos seguindo a experiência do outro. Dizia Dom Giussani em referência a si mesmo: “Pode haver centenas e centenas ligados à minha pessoa [é ele quem está dizendo!], mas entre eles não acontece nada<sup>59</sup>”, porque não fazem a experiência dele, porque o que une é que cada um aprenda, isto é, faça a mesma experiência dele. Dom Giussani não se contentava – essa é a amizade dele conosco – em que houvesse muitíssimos ligados à sua

---

<sup>57</sup> *Ibidem*, p. 100.

<sup>58</sup> *Idem*.

<sup>59</sup> Conselho Nacional de CL, Idice, San Lazzaro di Savena (BO), 1-2 de março de 1980.

pessoa como tal, porque isso não bastava. Jesus não se contenta com o fato de o povo se ligar à Sua pessoa; Ele multiplica os pães, todos se ligam à Sua pessoa ao ponto de quererem fazê-Lo rei, mas Jesus escapa: “Não é disso que se trata”. E repete: “Se vocês não entenderem que precisam comer o meu corpo e beber o meu sangue, vocês não poderão ter vida em vocês”. E quando os convida a fazer a experiência d’Ele, eles ficam bravos e vão embora. Parecia que O quisessem seguir, que estavam ligados à Sua pessoa (queriam fazê-Lo rei), mas não estavam dispostos a fazer a experiência d’Ele, e então O abandonaram. Podemos ler todo o Evangelho dentro desta chave: “Pedro, quem as pessoas dizem que eu sou?”. “Tu? O Messias”. “Muito bom, Pedro”; esse está ligado, mas Jesus continua: “Agora vamos a Jerusalém porque eu devo morrer”. “Não, de jeito nenhum!”. Pedro está ligado a Jesus mas não quer fazer a experiência d’Ele e então introduz a sua própria medida: “Não, não, não, nem por sonho!”. Mas Jesus não retrocede: “Então, afaste-se de mim, Satanás, porque você pensa como os homens, não como Deus”; isto é, Pedro não quer fazer a experiência de Deus que Jesus faz! Entendem a diferença entre o seguimento que Pedro tem na cabeça e a concepção de seguimento própria de Jesus? Ele os surpreende constantemente, como vimos na Escola de Comunidade. Chegam ao Jardim das Oliveiras, veem prendê-Lo, e Pedro, que não havia compreendido a repreensão que Ele havia feito antes, volta à ação, puxa a espada e corta a orelha de um soldado romano. “Pedro, você não entende? É tão bobo a ponto de não entender que meu Pai tem legiões de anjos? Ou pensa que Ele está dormindo ou distraído? Não entende que o que agora acontece é o Seu desígnio, que eu me dobro ao desígnio de um Outro? E se você quer estar comigo, se você quer fazer a minha experiência, precisa entrar também você no desígnio de um Outro, porque se você não entrar quando as coisas não vão bem como desejaria, você ficará como vítima. Mas eu quero introduzi-lo na relação com o meu Pai que está nos céus, fazê-lo ver o que é a vida, fazê-lo experimentar a vitória que é a sua própria ligação com o Pai: quando você enxergar essa vitória em Mim, poderá entender que essa ligação é mais poderosa do que a morte, mais poderosa do que qualquer derrota. Eu quero levá-lo a entender que a verdadeira questão é a ligação com o Mistério que nos faz. Seguir é seguir-Me até aí, porque é essa ligação que dá à vida uma consistência tal que pode acontecer qualquer coisa, e você permanece firme. Essa ligação se revela mais poderosa do que qualquer mal, do que qualquer ferida, do que qualquer fracasso, qualquer circunstância. Isso lhe interessa ou não? Porque se não, aí já perdemos a batalha”.

Entendem a paixão que Jesus tem por nossa vida? Entendo, então, que qualquer pessoa, diante de um homem assim, possa desejar segui-Lo, viver a experiência d’Ele: “Enquanto releio a sua palestra na Jornada de Início de Ano, saltou aos meus olhos esta frase: ‘Aliás, há a batalha que é toda a vida. Que na vida eu mantenha Jesus presente! Isso a nossa amizade nos promete: uma ajuda a incrementar, a avançar, a caminhar dentro dessa memória’ em qualquer batalha. Com o início do ano, que para mim foi e continua a ser muito difícil, descobri em mim, mais do que antes, a exigência de uma pessoa para seguir, com a qual eu possa confrontar-me de verdade. No primeiro dia de universidade, vou à Missa e encontro um amigo mais velho que logo me convida para o almoço. Acontece imediatamente um diálogo denso com outra nossa amiga que fala das dificuldades no trabalho e na vida no apartamento; no fundo, estava um pouco desanimada. Diante de todos esses problemas, o meu amigo lhe pergunta: ‘Mas em tudo isso houve pelo menos um momento em que você fez a experiência de liberdade?’. Assim a discussão mudou totalmente de tom, porque essa simples pergunta levou de novo ao ponto central. ‘Em tudo o que acontece com você, reconhece alguma coisa que a torne livre, que não lhe faça desmoronar, mesmo que tudo à sua volta pareça ir contra você?’. Essa pergunta foi a primeira das outras provocações nascidas do relacionamento com esse amigo e percebi que eu também desejava a sua liberdade e alegria, e decidi segui-lo. Ao fazer isso me dei conta de que ele é assim porque ele também segue totalmente essa companhia, indo sempre à origem. E ao fazê-lo provoca também a mim para esse reconhecimento. De fato, toda vez que lhe conto alguma coisa é impossível permanecer na parcialidade porque ele me pede a razão de tudo. E isso provocou o início de um trabalho: mas quem és Tu que atrais a tal ponto um homem a ponto de torná-lo tão vivo e tão livre?” [Esse outro que tem diante de você lhe traz um Outro; mas quem és Tu, Cristo, que atrais um homem a ponto de torná-lo tão vivo e tão livre? É por isso que ele a impressiona, por esse Outro]. “E me vi



perguntando e, depois, pedindo: ‘Faz com que eu também Te reconheça, torna-me igual a ele’, e começou a tomar forma em mim o desejo de estar em relação consciente e segura com essa Presença que ele sempre tem em mente. Desejei fazer a sua mesma experiência, que a mim, às vezes, parece tão distante e abstrata, por falta de uma autoconsciência, de um trabalho anterior. Não mais me escandalizei com isso como antes, mas em primeiro lugar sou grata por esse encontro. Peço-lhe que me ajude nesse trabalho de reconhecimento e de seguimento”.

Por que chegar a esse Outro é decisivo? Porque só quando alguém nos leva a esse Outro é que nos leva ao que a gente aspira, espera. Por isso Dom Giussani diz: “É a esse Outro que você é devoto, é a Ele que você aspira, a Ele você quer aderir, dentro deste caminho<sup>60</sup>”. Se não chegarmos a esse Outro, não encontraremos o que o nosso coração espera. Por isso Jesus não se contenta: “Se não comerdes a minha carne e não beberdes o meu sangue, não podereis ter vida. Se não vos levo à origem da minha vida, não podeis ser verdadeiramente devotos, não podeis ser agarrados, não podeis fazer essa experiência de correspondência, que é a aspiração de todo homem”. Um amigo me contava, tempos atrás, que a certa altura, tendo começado a fazer experiência desse Outro, se surpreendeu com um cântico ouvido tantas vezes: “Minha alma tem sede do Deus vivo: quando verei o Seu rosto?”, e sentiu todo o anseio e o desejo de ver o rosto d’Ele. Num certo momento, caminhando por essa estrada, se não reduzirmos o seguimento à nossa medida, nos surpreenderemos desejando alguma coisa que, alguns anos antes – como ele me dizia –, jamais teríamos sonhado. Não é que nunca tivesse ouvido esse cântico, mas pôde redescobri-lo em seu valor por aquilo que estava vivendo. Se não percorrermos o caminho, perderemos o melhor. Ao invés, quando percorremos o caminho, as coisas começam a nos falar, começam a ter uma intensidade, um calor, um algo a mais, que é o que torna a vida diferente, e não porque aconteceram coisas espetaculares; não, um cântico que eu ouvi milhares de vezes a certa altura adquire um peso, um calor, uma intensidade jamais percebida; ou o ver o rosto de um amigo ou almoçar juntos ou jogar futebol. Para experimentar a novidade prometida por Cristo não temos necessidade de outra coisa que comer, beber, estar juntos, estudar.

Escreve Lewis: “O que me agrada da experiência” [isto é, essa experiência de correspondência que eu sinto dentro de mim] “é que se trata de uma coisa tão honesta. Podem fazer um monte de coisas erradas, mas tenham os olhos abertos e não lhes será permitido ir muito longe antes de aparecer a placa correta. Podem ter enganado a vocês mesmos [durante anos], mas a experiência não está procurando lhes enganar. O universo responde a verdade quando o interrogamos honestamente<sup>61</sup>”. A verdadeira questão é se nós queremos seguir, se estamos dispostos a seguir um mestre tal como nos é proposto. O que Dom Giussani nos propõe não é diferente daquilo que vemos testemunhado no evangelho quanto à relação de Jesus com os discípulos: não cedia nunca a nenhum outro tipo de seguimento que não fosse o seguir o desígnio de um Outro. Jesus sabia melhor do que todos os seus discípulos do que era feito o coração do homem; Ele próprio o havia feito para o infinito, sabia que se não chegassem a esse Outro, não ficariam tomados. Muitos poderão propor-lhes outras modalidades de seguimento. Se se contentarem com menos do que isso que lhes dissemos, podem até caminhar, mas não será nunca a mesma coisa, porque não somos nós que decidimos, nem decidem eles o que nos corresponde: a experiência é honesta: aqui não é um problema de opinião, não é um problema de alinhamento, não é um problema de interpretação, como muitos pensam, não é nada disso, é um problema de correspondência. E vocês precisam decidir se querem crescer, crescer a ponto de seguir a correspondência, ou se querem ouvir uma ou outra das opiniões em voga. É o tempo da pessoa, e cada um de vocês tem o detector para descobrir se é verdade ou não o que lhes é proposto: chama-se “correspondência”.

Só se a seguirmos poderemos contribuir com o que o Papa nos pede para a próxima Jornada Mundial da Juventude: “Caros amigos, não se esqueçam de que o primeiro ato de amor que podem realizar em relação ao próximo é o compartilhar a fonte da nossa esperança: quem não dá Deus, dá muito pouco!<sup>62</sup>”. Nós podemos oferecer aos nossos amigos na universidade, aos nossos colegas, a

<sup>60</sup> L. Giussani, *Educar é um risco*, op. cit., p. 100.

<sup>61</sup> C.S. Lewis, *Sorpreso dalla gioia. I primi anni della mia vita*, Jaca Book, Milão 1980, p. 131.

<sup>62</sup> Bento XVI, *Mensagem pela XXVIII Jornada Mundial da Juventude*, 2013, Vaticano, 18 de outubro de 2012, p. 5.

graça que aconteceu conosco: aconteceu conosco para o mundo, para a missão, para poder compartilhar com todos o que nos foi dado. Nós já vimos: quando alguém diz o *sim*, muitos daqueles cujas cartas lemos aqui, quando chegaram à universidade puderam encontrar um fato de vida que despertou neles a esperança. Qualquer outra coisa teria sido pouco demais. Devemos conduzir as pessoas a encontrar o Deus vivo: “Sejam vocês o coração e os braços de Jesus! [diz o Papa]. Testemunhem o seu amor, sejam os novos missionários animados pelo amor e pelo acolhimento!”<sup>63</sup>. Sejam vocês o coração e os braços de Jesus. Mas, como dissemos na carta após o Sínodo, para poder “oferecer aos nossos irmãos homens um fato de vida, é necessário que amadureça em cada um de nós uma tal autoconsciência da nossa dependência original que nos faça renascer em qualquer escuridão; e é necessário estar de tal maneira tomado pelo acontecimento de Cristo que a Sua memória domine os nossos dias, porque nunca sou tão eu mesmo como quando Tu, Cristo, aconteces em mim e me invades com a Tua presença<sup>64</sup>”. Diz uma nossa amiga: “Nós do CLU não somos muitos [vive numa cidadezinha], mas o que percebi é que quando a gente diz que é *o tempo da pessoa*, o movimento é verdadeiramente pessoal. Tento me explicar. Você escrevia na carta à Fraternidade: ‘A nossa contribuição pode se inserir somente no dinamismo posto em marcha pelo próprio Deus através do Seu Espírito’. É mesmo verdade, acontece assim. Conto-lhe dois fatos. Durante uma Escola de Comunidade entra um rapaz na sala e pergunta: ‘Aqui é CL?’ e uma de nós [eram quatro gatos pingados]: ‘Sim, aqui é CL’. E ele: Posso ficar aqui com vocês?’ [Um fato de vida não é um problema de dimensões, mas de diversidade]. “Eu tive a certeza de que não devo me preocupar com nada a não ser seguir quem abraça a minha vida, permitindo-me assim em todo instante retornar à origem. Mas quem está tão atento à minha vida e tem a caridade de me reabrir em continuação àquele relacionamento misterioso que me gera? Somente quem segue, porque é isso que muda a história”. Um outro diz: “O que pode mudar a história não é tanto o que cada um consegue fazer, mas só alguém que começa a mudar. E me vem com frequência à mente a resposta dada por Jesus à pergunta: ‘mas o que devemos fazer para realizar as obras de Deus?’. Jesus responde: ‘Esta é a obra de Deus: crer n’Aquele que Ele enviou’”.

A nossa contribuição ao mundo e aos nossos irmãos homens é a fé, é o reconhecimento de Cristo que nos prende e por isso pode fazer brilhar a Sua presença em nossos rostos. É o que nos diz o Papa – e assim terminamos –: “Assim são os novos evangelizadores [as novas testemunhas]: pessoas que fizeram a experiência de ser curadas por Deus, através de Jesus Cristo. Eles têm como característica a alegria do coração<sup>65</sup>”. Parece pouquíssimo como sinal, mas está tudo aí: a alegria do coração, estampada em suas faces.

© 2012 Fraternità di Comunione e Liberazione para os textos de J. Carrón

---

<sup>63</sup> *Ibidem*.

<sup>64</sup> J. Carrón, *Carta à Fraternidade de Comunhão e Libertação*, 1 de novembro de 2012.

<sup>65</sup> Bento XVI, *Homilia na Santa Missa pela conclusão do Sínodo dos Bispos*, 28 de outubro de 2012.